

PENSAMENTO, MEMÓRIA E CRIAÇÃO NO PRIMEIRO CENTENÁRIO DA RENASCENÇA PORTUGUESA (1912-2012)

**AFONSO LOPES VIEIRA: de O POVO E OS POETAS PORTUGUESES (1910) a
“OS CABELOS DE INÊS”**

por Cristina Nobre – CIID | ESECS | IPL

1. A persistência poética da raça: O povo e os poetas portugueses

La novella generació lusitana, a pesar de la reacció classica de les acadèmies e de la depriment disciplina universitària, camina cap a la gran síntesi que afirmarà el geni de la raça, segunt el moviment del pensament umà que en la música realitzà Wagner, en l'escultura Rodin, i en la pintura s'endevina ja per l'inquietud dolorosa de les més atrevides teoritzacions. El retorn als orígens espirituals de la raça portuguesa té a Portugal cultors insignes.

RIBERA I ROVIRA, (1913) *Atlàntiques. Antologia de Poetes portuguesos*, Lib. l'Avenç, Barcelona, pp. 14-5.

fig.4 O cão_ANA

A história da educação, nas primeiras duas décadas do século XX, foi feita por intelectuais cujas aspirações políticas não se relacionavam diretamente com a República então emergente, mas que atuavam de acordo com a partilha que a imprensa de então possibilitava, divulgando, partilhando e suscitando polémicas reveladoras do pensamento mais arrojado sobre a educação e a pedagogia em Portugal. Afonso Lopes Vieira, sendo por então considerado um dos primeiros escritores para a infância e juventude reconhecido e honrado com o êxito e sucesso de vendas do livro de poemas de 1911 *Animais nossos amigos*, distinguir-se-á menos - mas surpreendentemente (Nobre 2012) - como teórico do sistema educativo, acompanhando e pertencendo ao escol da *Renascença Portuguesa*.

fig.1 PPP-capa

A sua primeira conferência pública - *O povo e os poetas portugueses* [PPP] - lida pelo escritor no Teatro D. Maria II, em 12 de janeiro de 1910, foi um manifesto programático que marcou as linhas da madura *poesis* desta figura literária. Aí são delineadas as grandes linhas de força d' *a persistência poética da raça* (Vieira 1910: 9)¹, que se tinha mantido e afirmado sobre a *desnacionalização* de que Portugal sofria: "[...] após três séculos de perfeita deseducação sugerida por aquele espírito

¹ Seria interessante percorrer alguns dos muitos prefácios feitos por Lopes Vieira a poetas populares do seu tempo e encontrar este mesmo fio condutor da *persistência poética da raça* precisamente naqueles que, por simples analfabetismo ou falta de instrução adequada, o escritor via como manifestações espontâneas de uma nacional veia linguística e lírica. Vejam-se apenas os exemplos — distanciados de mais de 40 anos — dos prefácios a *O Poeta Cavador Manoel Alves*, de 1903, e as *Palavras* ao livro de António Gomes do Céu, *Fui Chamado para a Guerra...*, de 1945: "Este bronco e surpreendente homem de génio afigura-se-me uma encarnação milagrosa da alma imortal do povo, que, rompendo a crôsta da apagada e vil tristeza que o Estado, em Portugal, cultivava com methodo e amor, produziu um grande poeta — que pôde cantar! [...]" (Vieira 1906: 82) e "[...] Mas o que torna muito raro o caso destes versos é que pela boca do narrador falam milhares de outras bocas que não sabem exprimir-se e às quais o bardo empresta a voz. A sua voz é a do povo. § Composto através de anos longos por quem só pode pegar na pena depois de ter manejado outros mais rudes instrumentos de trabalho, este poema aparece já quando, para desgraça do Mundo, a última guerra fez esquecer aquela de que os versos nos falam. § O que não envelheceu, porém, foi o puro, honrado, humano documento *nacional* escrito por quem, ignorando a literatura, nos dá uma coisa muito mais singular — e que se chama poesia." (Vieira 1947: (3)).

[católico-jesuítico], com sua dupla força *insociável* e *inestética*, e tudo abrangendo dos lares ao Poder [...]" (*idem*: 10, nota). Lopes Vieira seguia, parcialmente, a argumentação de Antero de Quental na conferência de 27 de maio de 1871, na sala do Casino Lisbonense, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos*, procurando uma solução exequível para acabar de vez com uma certa indiferença cultural. A argumentação de Quental tinha assombrado toda uma geração, pois os efeitos da decadência continuavam a fazer-se sentir, sem muita esperança de redenção. Propunha uma saída, resumida com a palavra *revolução*:

Gememos sob o peso dos erros históricos. A nossa fatalidade é a nossa história. § Que é pois necessário para readquirirmos o nosso lugar na civilização? para entrarmos outra vez na comunhão da Europa culta? É necessário um esforço viril, um esforço supremo: quebrar resolutamente com o passado. Respeitemos a memória dos nossos avós: memoremos piedosamente os actos deles: mas não os imitemos. Não sejamos, à luz do século XIX, espectros a que dá uma vida emprestada o espírito do século XVI. A esse espírito mortal oponhamos francamente o espírito moderno. [...] Somos uma raça decaída por ter rejeitado o espírito moderno: regenerar-nos-emos abraçando francamente esse espírito. O seu nome é Revolução: revolução não quer dizer guerra, mas sim paz: não quer dizer licença, mas sim ordem, ordem verdadeira pela verdadeira liberdade. (Quental 1996: 67-8).

Encontra-se idêntico espírito revolucionário em busca de outras opções, na conferência PPP. A questão era posta na encruzilhada de uma luta entre dois adversários de valor — a *afirmação do carácter étnico* (Vieira 1910: 10) e o "mórbido desmazeladismo português, resultando natural, como forma passiva de resistência, do divórcio entre o Povo e o Estado." (*idem*: 10, nota)². A leitura ideológica mostra que os anos de crise no fim do séc. XIX continuaram, conturbados, com o ruir inevitável e próximo da monarquia e a instabilidade nociva de sucessivos governos e governantes, pouco (ou mesmo nada) seguros de uma trajetória de futuro. A reação ao estado conturbado e sem rumo concreto de toda uma sociedade será, no caso em estudo, uma fuga pelas forças da intuição e do espiritualismo, uma busca da ancestralidade de todo um povo, onde se esperam encontrar as energias de reconstrução, de renascimento de uma pátria. A uma situação negativa de facto — a *nossa* [a de então] *vida nacional* (*idem*: 9) — opõe-se uma projeção positiva para o futuro — a *nossa melhor esperança* (*idem*: 11).

² Em *Post-scriptum*, fará uma curiosa assimilação *dessa resignação torturada*, característica do português, com a música do *fado*, a expressão espontânea desse *sentir que se não revolta* (Vieira 1910: 55-62). A associação do fado a uma certa degenerescência nacional estava na ordem das discussões da época. Idêntica posição, de antagonismo entre o fado e as canções populares representativas do espírito nacional, tinha sido defendida em conferência realizada a 1 de maio de 1909 por Antonio Arroyo, no sarau conimbricense promovido pelo Orpheon Academico, em benefício das Creches, intitulado *O Canto Coral e a sua função social*, onde se defende: "[...] E já agora deixem-me pronunciar-me contra o *Fado*, de todas as nossas canções a mais inferior. Quando eu ouço numa sala, cantada por uma senhora de fina educação, com todas as características do estylo proprio, essa *emanação* dos sitios mais baixos da nossa capital, todo me confrango e me desoriento. O *Fado*, o nome o diz, nasceu nos centros de maior abominação; a maneira de o cantar é o conjuncto mais completo e ridiculo de erros estylisticos, de faltas de bom gosto. Mas tambem só assim tem a côr propria, local; modificado, ou estylisado diversamente, perde todo o valor e fica reduzido á sua eterna e pobre harmonia, sempre a mesma, sempre docemente sensual e deprimente. Para que pois cantá-lo, quando tantas riquezas de ordem superior abriga o cancionero nacional? [...]" E, em nota intitulada *O Triste Fado*, insiste nessa ligação do fado à degenerescência nacional: "[...] O *Fado*, para mim, exprime o estado de inercia e de inferioridade sentimental em que o nosso país está mergulhado ha muitos anos e do qual urge que saia. Portugal é positivamente um doente moral e o *Fado* basta para se formular o diagnostico da doença.[...]" (Arroyo 1909: 58 e 79-80).

Em PPP, o renascimento procura-se no legado de uma tradição literária: a partir da constituição independente do território português, nas cantigas de amigo de D. Dinis, reveladoras de um *fundo amoroso* distinto do dos outros povos; na radiosa Renascença de Bernardim Ribeiro e de Cristóvão Falcão; na *liberdade de consciência* de Mestre Gil; no *canto do nosso heroísmo* de Camões, *pai do nosso espírito* e da nossa alma saudosa; no *sentimento religioso do Oceano* da *História Trágico-Marítima* e no romance da *Nau Catrineta*; nos receios do *abandono do povo* das palavras *terrivelmente proféticas* do Velho do Restelo e nas *lágrimas* de Sá de Miranda; na fase de *apagada e vil tristeza* em que só Francisco Rodrigues Lobo, Pe. António Vieira e Pe. Manuel Bernardes guardam alguma vida; nas *Cartas de Amor* de Sórora Mariana, *triumfante expressão do sentimento da raça*; e em *algumas quadras populares* destacadas pelo romântico Byron.

Fica assim enunciado e selecionado o cânone literário de Lopes Vieira — basicamente o romancista, o cancionista e a gloriosa literatura do séc. XVI — a que dará voz na sua produção poética³. Seria possível ao escritor e à geração dele executarem tal programa, sem permanecerem *espectros a que dá uma vida emprestada o espírito do século XVI* (Quental 1996: 67)?

2. A melhor esperança: missão educativa e apostolado pelas crianças

O compromisso ideológico para a emancipação progressista do cidadão e a intervenção cívica em nome da indignação moral e em ordem à justiça social traduzem-se no Neo-Romantismo vitalista em imperativos de campanha pela laicização da vida pública e das instituições (político-administrativas, judiciais, culturais), bem como pelo saneamento antiobscurantista e pela reforma pedagógica do sistema educativo.

J. C. Seabra Pereira, (2010) *O Tempo Republicano da Literatura Portuguesa*, Colóquio/Letras, n.º 175, Set.-Dez., Lisboa, p. 19.

Em 4 de fevereiro de 1912, em *A Capital*, Lopes Vieira publicou um longo e polémico artigo, intitulado "As nossas creanças", com a reprodução de um desenho inédito do arquiteto Raul Lino com um projeto de escola primária. A escrita do artigo resultou da tristeza provocada pela inconclusiva visita de cortesia feita pelo poeta e Raul Lino ao presidente da República de então, Manuel de Arriaga, para lhe oferecerem um exemplar dos *Animais Nossos Amigos* [ANA], publicado no Natal do ano anterior,

³ Antero de Figueiredo, numa longa carta, de 30 de janeiro 1910, agradece a conferência PPP e tece considerações importantes (pela reserva crítica apresentada) sobre o cânone a que Lopes Vieira deu ênfase: "[...] Estou inteiramente de accôrdo consigo, meu caro poeta: — somos um povo de cantadores liberais — de cantadores do ar livre; mas porque somos gente do amor e do mar somos gente triste! Para o lusitano o sentimento amoroso é tudo, e tão irreductivelmente o mesmo, e tão improgressivo que não fazemos senão repetirmo-nos; e tão forte é esse sentimento que basta senti-lo no fundo da alma e, num arranco, dizê-lo como se sente que logo se acerta. Não exige cultura: qualquer linguagem lhe basta para se revelar; não exige sensibilidade rara, mas somente coração dorido no sentir e ingênuo no expressar. § O povo é, na verdade, a nossa unica esperança na arte — e no mais; e a sua bella conferencia tem, neste angustioso momento de crise por que passamos, tem a oportunidade de chamar as atenções para o conhecimento do feitio mais intimo e estavel da alma portuguesa de que deviamos partir para tudo — até para a arte de governar os povos, se nos soubessemos governar!... [...]" (BML, *Cartas* [...], vol. II).

1911, e para o convencerem a implementar a construção de escolas primárias segundo o modelo tradicionalista e regionalista concretizável com o desenho.

fig.2 As nossas creanças

Lopes Vieira é, nas duras palavras do artigo, um crítico atento do seu tempo, descreve uma situação deplorável em termos educativos, e indica alguns caminhos pragmáticos de intervenção. A subversiva e irónica proposta da criação de um partido *infantilista* deve ser vista como uma reação construtiva à proliferação estéril das agremiações políticas durante a I.ª República. A ideia essencial seria permitir a regeneração do sistema educativo e, com ele, um "desabrochar da *alma moderna* que nos falta" (*art. cit.*) – não uma proliferação sem objetivos nem finalidades⁴.

Em 1914, na carta de cortesia que o funchalense Eduardo Pereira insere em *Golpes*, Lopes Vieira aconselhava aos verdadeiros poetas a busca da inspiração na poesia tradicional⁵. Em 1916, o poeta não tinha desistido e escreve uma carta ao Presidente da Sociedade dos Estudos Pedagógicos, submetendo-lhe um projeto de decoração de Escolas primárias portuguesas, de inspiração *nacional e regional*, que procurava enaltecer a Pátria e glorificar as indústrias tradicionais e domésticas. Numa visão estética da sala de aula, preconizava uma decoração em que se empregassem os produtos e objetos característicos das indústrias regionais, o que, além de criar um ambiente propício, transformaria as escolas em *museus populares*, afirmativos de uma paisagem específica e do carácter das gentes que a povoavam. A carta foi incluída no seu 1.º volume de ensaios, *Em demanda do Graal*, publicado em 1922, a abrir a secção “Páginas Soltas e folhas de Diário”, transformando-o na prioridade das suas quotidianas campanhas. Dá-nos a ler, hoje, a atualidade de certos projetos e a dificuldade em fazê-los chegar à realização. Em 1918, na carta oferecida a José Bruges de Oliveira para abrir *As minhas Cantigas*, transpõe para a obra do amigo um sonho pessoal — o desejo do anonimato através da inclusão na voz maior, a da Tradição, capaz de garantir a imortalidade⁶.

⁴ Veja-se, a este respeito, como Seabra Pereira sistematiza a ligação do Neo-Romantismo à infância e aos ideais essenciais: “[...] No Neo-Romantismo, a infância volta a ganhar aquela importância de “terra natal de todos os nossos sentimentos” de que falara Tieck. Mas o poeta neo-romântico, que procura reconduzir-se à concisão infantil, vai também satisfazer uma nostalgia da integridade perdida nos golpes e compromissos da vida adulta; e vai também movido pela atribuição de precedência ontogenosiológica ao ser infantil. Ele crê que, imune às injunções dos modelos sociais, a criança preserva a espiritualidade fundamental, a visão inocente da realidade e o conhecimento das essências ideais. [...]” (Pereira 2010: 59)

⁵ São estas as palavras de circunstância do escritor em convalescença no Funchal: “[...] Se me permitir um conselho, dado com amizade do camarada mais antigo, dir-lhe-ei que estude, sinta, (e o mesmo é dizer que ame) as tradições populares da sua terra. Não ha melhor nem mais lindo jardim para um poeta cultivar as suas flôres. Na Madeira ha de por força existir uma intensa e magnifica Tradição, uma *poesia da Ilha*, nos costumes e usos, nos contos e romances que os velhos guardam na memoria, enfim nas dôres e alegrias do povo — e é a essa poesia tradicional, que se conhece com o nome de *folk-lore*, que os verdadeiros poetas têm de ir buscar inspiração, lição e força para fazerem coisas muito belas. [...]” (Vieira 1914: 10 *apud* Pereira *Golpes* 1914).

⁶ Destaquem-se estas palavras significativas: “[...] Farei aqui, em louvor do poeta, um voto ambicioso e belo: — desejo que estas quadras deixem de ser *suas*, entrando na grande voz da Tradição obscura e imortal. Que elas passem destas paginas para as bocas amorosas dos que entoam, de manhã, com esperanças e alegria, ou á tardinha, com penas e saudades, — a canção que sobe e se perde ao longe...” (Vieira 1918: 15 *apud* Oliveira 1918).

No entanto, o desafio consistirá em encontrar na tradição lírica nacional a semente do *espírito moderno* e não apenas modelos de imitação servil.

2.1. A obra de Lopes Vieira no espelho da auto canonização

Lopes Vieira enunciou em PPP todo um programa de produção, mas também de receção da obra em curso e constitui-se como um ato de auto canonização através de reflexões de ordem teórica. Ao investir a produção (sobretudo) poética da tradição literária portuguesa com uma certa *aura*⁷, estava implicitamente a estabelecer a autenticidade⁸, determinada e confirmada em qualquer altura, e que irá utilizar, incorporando-a na sua própria poesia. Este cânone aparece como um meio transparente e imediato de acesso a um centro, a uma verdade essencial e ideal (dito *fonocentrismo*⁹), designado pelas qualidades literárias da alma portuguesa.

A função de auto canonização passa pelo repúdio de uma ideologia de desnacionalização e pela tradição literária por ela representada, mas nunca explicitamente enunciada, reconstituível pela ausência de nomeação — fica como anticanónico toda uma larga faixa de poesia maneirista e barroca, o academismo do neoclassicismo, a tradição romântica, a realista e parnasiana, bem como a recente escola decadentista. Com este texto, a intenção do escritor é menos estabelecer um corte nítido com a tradição ou com o sistema de regras e com o cânone de autoridades aceites pela geração literária anterior, do que colocar os portugueses a refletir sobre o todo orgânico da identidade literária de Portugal, desde a fixação da nacionalidade, e criar um novo cânone, um conjunto de novas regras, as de um passado literário consagrado e sagrado por esta validação teórica. Reescreve a própria história da literatura, na medida em que “[...] each generation of readers must rewrite history.” (Godzich 1994: 41). Ao interrogar os textos sob a sua própria

⁷ Vide raiz do conceito *aura*, como Ferreira Duarte o entende: “The first concept, *the aura*, is taken from Walter Benjamin’s essay ‘The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction’ (1973: 219-53). According to Benjamin, certain cultural artefacts, like works of art, are specially valued because of the uniqueness of their existence, in contrast to the infinite copies and reproductions that can be made of it. Behind these ‘forgeries’ stands the authority of the original, the authenticity of which can be at all times determined or confirmed. These objects are said to be invested with *aura*, which is not a physical property of them but rather a form of reception.” (Duarte 1993: 38).

⁸ Só as *Cartas a Violante*, atribuídas a Egas Moniz Coelho, vão escapar a esta *aura*, pelas provas que os estudos eruditos vão aduzir, rotulando-as de *apócrifas*, isto é, desprovidas da própria *aura*.

⁹ Este segundo conceito, herdou-o Ferreira Duarte de Jacques Derrida em *De la grammatologie* (1967: 21-31) definindo-o do seguinte modo: “Derrida’s relevant point can be summed up as follows: Western culture has functioned since Antiquity by building up centered systems of knowledge and behaviour, in which the center is a *logos*, or the metaphysical being of truth, whatever its designation may be in a particular system: the idea, the subject, the substance, God, Beauty, etc. These ontological and ‘logocentric’ structures take their truth-producing power from the essential connection they maintain with the voice that utters the symbols signifying what the rational subject of truth really meant. Spoken language is thus a sort of transparent and immediate means of access to the contents of this primordial subject.” (Duarte 1993: 38). E siga-se a referência de Seabra Pereira às qualidades eletivas peculiares do Povo português: “[...] Também no Neo-Romantismo permanece indefinida, mas nem por isso menos actuante, a percepção desse *Volksgeist* como Inconsciente cultural colectivo, sobressaindo por seu turno os propósitos de formação e de acção criativa consequentes com a fisionomia genuína da “Raça”, isto é, das qualidades electivas do Povo português, organizado nessa criação ideal ou espiritual que é a Pátria. [...]” (Pereira 2010: 26)

perspetiva, Lopes Vieira afasta-se de uma *estética da negatividade* (Adorno 1989) pois não renega explicitamente qualquer geração literária anterior, e integra-se na *estética da identificação* (Jauss 1982) que implica a intersubjetividade do presente na experiência totalizante de receção literária de um certo passado.

A releitura do passado é uma consciência histórica que seleciona e produz o novo por continuidade. A possibilidade estética de identificação é a principal função social da arte — uma função essencialmente educativa. Aliás, não por acaso, PPP foi "vendida a favor da Escola Monumento João de Deus, em Lisboa". A junção de dois objetivos aparentemente distintos — delinear um novo cânone; participar num arrojado projeto educativo¹⁰ — é um sinal da amplitude formativa e educativa do programa de reescrita.

O novo cânone é um cânone de verdade. PPP contém um discurso de poder que pretende persuadir que é este o *novo cânone* a tomar como ponto de referência¹¹. O cânone assim enunciado cumpre uma tripla função: de *teorização* (Duarte 1993: 41), ao eleger uma ontologia da poesia, da linguagem poética e do poeta; de *dramatização*, ao contar com a cumplicidade do ouvinte e, posteriormente, do leitor e do crítico; de *prescrição*, já que esta auto canonização de uma tradição literária específica, com a seleção de alguns textos exemplares, vai funcionar como reguladora da receção da sua própria obra e das interpretações adequadas que dela deverão ser feitas. Sem um julgamento apropriado do ouvinte, do leitor ou do crítico, a função de auto canonização e a imagem de autoridade torna-se ineficaz¹².

¹⁰ Ao ler as *Cartas sobre a Educação Profissional* de António Sérgio, dirigidas ao diretor da Academia de Estudos Livres e publicadas em 1916 nas edições da 'Renascença Portuguesa', rapidamente encontraremos ideias semelhantes às de Afonso Lopes Vieira, embora a proposta de Sérgio contenha todo um plano curricular com objetivos, conteúdos, estratégias e atividades, organização dos tempos letivos, para aquilo que hoje designamos por educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico — proposta que continua a fornecer respostas interessantes às modernas investigações sobre o desenvolvimento infantil. Com um acentuado pendor pragmático, a imagem de escola nova, ideada por Sérgio, não foge às diretrizes sugeridas por Lopes Vieira.

¹¹ Em carta datada de 14 de fevereiro 1910, Manuel da Silva Gaio dá-se conta do papel desempenhado por PPP, comparando-a a um *tratado de literatura*, embora nem sempre de acordo com as propostas teóricas aí apresentadas: "[...] A sua conferência é um encanto. Foi para mim um raro regalo de espírito lê-la e relê-la. Aprende-se mais na leitura dessas poucas páginas tão vibrantes e condensadas *d'alma*, do que em longos tratados de litteratura — para colher as linhas dominantes do caracter poetico portugueses. [...] § Eu não concordo em absoluto com V., no que chamei a *parte theorica geral* — sobre o papel preeminente, atribuido às collectividades na criação da obra poetica. Eu vou, de novo, pelos *grandes homens*. Mas encontrar-nos-hemos a proclamar o grande papel das collectividades como agentes de propagação, e *meios* de cultura tradicional. [...]" (BML, *Cartas [...]*, vol. I).

¹² Uma informação interessante a este respeito é transmitida por Veiga Simões, em 1911, no seu "Estudo sobre as tendências actuaes da literatura portuguesa", *A Nova Geração*, onde se refere ao fervor com que o público terá recebido a conferência de Lopes Vieira: "No *Povo e os poetas portugueses*, se por vêzes o rigôr crítico anda debaixo duma capa melancólica, espalha-se como um perfume de coisa antiga um carinho contemplativo pelos motivos d'arte da nossa terra; e oiço dizer que o público de Lisboa, sentindo-o, aplaudiu excepcionalmente as suas palavras, quando realizou essa conferência no Theatro Nacional". (Simões 1911: 173-4). Em carta ao escritor, de 5 de março 1910, Teófilo Braga elogia a conferência PPP e destaca a importância do trabalho de divulgação que completará os seus efeitos pragmáticos: "[...] Eu tinha registado os merecidos elogios que lhe fizeram na imprensa; mas a leitura da Conferência deixou-me uma impressão mais viva e agradabilissima. Compreendi então como conseguiu impressionar um publico sempre indifferente às cousas portuguezas. [...] O meu amigo tem uma bella cruzada diante da sua capacidade e actividade: acordar as almas a amarem a poesia portuguesa nas suas sempre bellas e inconfundiveis manifestações. [...]" (BML, *Cartas [...]*, vol. I).

Numa entrevista - "O Povo e os Poetas Portugueses. Dois dedos de palestra com Affonso Lopes Vieira. [...]" - a propósito da conferência no D. Maria, encontram-se plasmados o ideal e as figuras literárias canonizadas, e a crença na revitalização só possível através do lirismo da alma popular:

— [...] Note o meu amigo que o povo é propriamente o sujeito principal da minha conferencia. Não desejo referir-me ao povo como o sentiam e comprehenderam os poetas; quero, sim, falar d'elle mas pela própria impressão, como se nos apresenta em toda a *simplicidade transparente* [itálico nosso] com sua vida e as modalidades interessantes da sua sensibilidade. E é isto justamente o que me interessa, accentuou Lopes Vieira [...]

— Falarei um pouco do 'Cancioneiro de Rezende', mas a minha impressão pessoal dá-me esse cancionero como que afastado da sentimentalidade poetica do povo portuguez. É apenas joalheria litteraria. O verdadeiro poeta d'esse tempo ia dizer as suas cantigas, nos arrancos da vera emoção, junto á campã de Nuno Alvares; enquanto os fidalgos se quedavam a discutir — se é mais triste *cuidar* ou *suspirar*. Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, esses sim que comprehenderam e sentiram maravilhosamente a *meia-tinta da sensibilidade portugueza*.

E como nós o interrogassemos a propósito d'essas personalidades ultimamente discutidas, Lopes Vieira, responde-nos sem esquivamentos, e fazendo-nos comprehender que o facto de representarem ou não esses nomes duas individualidades, não interessa ao seu assumpto; por isso se affasta, achando, comtudo, que não ha ainda elementos de indiscutivel affirmacão *pro* ou *contra*. E volvendo ao ponto, refere-se a Gil Vicente, que em sua opinião, encarna corajosamente e de uma maneira brilhante a ultima, a mais larga e mais intensa manifestacão da liberdade de consciência. § [...]

— E dizer que a nossa alma de portuguezes, morre!

— Não, meu amigo, ella não morre, *não pode morrer* [itálico nosso]; responde com vehemencia o poeta. E a prova ahi está n'essas quadras populares que são um verdadeiro encanto. § [...] Que são essas vaidades litterarias, ante a *simplicidade d'um verso popular* [sub. nosso], traduzindo uma emoção verdadeira tocada de carinho, de belleza natural, de unccão às vezes? (Anónimo [1910] *apud* Nobre 2005 I: 248-249)

A importância atribuída pelo escritor a esta primeira conferência fica documentada no orgulho de ser um dos primeiros a eleger e a transmitir ao público um novo olhar sobre o passado. Contudo deve ter constituído uma dura prova para a imagem pública do poeta¹³. Aliás, Lopes Vieira tem uma anotação inédita que leva a estas impressões de leitura: "A primeira conferência (pela 1ª. vez, ouvem-se — vivem versos de D. Denis)" (*apud* Nobre 2005 I: 250). Os críticos da época foram sensíveis à vertente pedagógica e educativa de PPP, modelando a figura literária do poeta com a do prosador-educador com dupla autoridade, criativa e crítica:

O trabalho litterario do sr. dr. Lopes Vieira póde classificar-se, sem favor, de primoroso, se bem que, destinado a ser lido n'uma sala de espectaculos, peque ligeiramente pela erudição e superabundancia das citações, com quanto, todas ellas, originaes e evocadoras dos grandes periodos historicos e dos cyclos aureos da litteratura patria. §

¹³ Manuel Penteadó faz uma recensão a PPP, onde se pode perceber a agitação íntima e exterior que esta primeira conferência provocou a Lopes Vieira: "[...] O poeta Lopes Vieira, de pé, por detraz de uma mesa coberta d'um damasco vermelho, um nadinha pallido, as palpebras caídas, as narinas dilatadas, com um bigodinho escuro debruando-lhe o labio, a bocca entre aberta, começou a leitura da sua conferencia, escripta em quartos de papel que a mão ligeiramente tremula segurava. § A voz do moço poeta é a principio um pouco baça, um pouco *branca*, mas logo se avoluma e começa a sahir 'do peito', bem articulada e forte. As phrases que vae lendo são admiravelmente compostas, d'um rythmo original, d'uma harmonia cariciosa e branda ..." (Penteadó [1910a] *apud* Nobre 2005 I: 249). Num apontamento ms. do espólio, pode ler-se uma reflexão do escritor que penso ter como referente direto esta 1.ª conferência: "Com a serenidade da minha estreia como conferente, compreendi q. se póde morrer fuzilado serenamente." (Nobre 2005II: 350).

[...] § Lopes Vieira, ao terminar a leitura do seu trabalho literário, que pôde classificar-se como estudo academico valioso, recebeu de todo o auditorio, espontanea, vibrante e entusiastica ovação, que se prolongou por muitos minutos. (Telles [1910a] *apud* Nobre 2005 I: 250);

O sr. Lopes Vieira chamou 'estudo' à sua conferencia de hontem — e o vocabulo é exacto. O erudito fallou mais do que o poeta. Qualidade? Defeito? (Anónimo [1910i] *ibidem*);

Com uma voz rijamente bem timbrada Affonso Lopes Vieira leu o seu trabalho, que mais é uma memoria para a Academia do que uma simples conferencia para intervallo theatral. E cheio de erudição, n'uma linguagem escolhida, em que as phrases obedecem ao rithmo d'um pensamento patriotico, o poeta mostra-nos o povo desnacionalizado [...]. (Anónimo [1910j] *ibidem*);

Não se imagine, porém, que um tão vasto estudo tenha redundado n'uma fastidiosa lição de erudito, pois além de que Lopes Vieira soube organizar a sua conferencia com um conhecimento notavel do *métier*, de modo a não poder fatigar a atenção dos ouvintes, accresce que ella fôra escripta n'uma linguagem bellissima, o que só por si constituiria, se outras não a tivessem antecedido, uma notavel affirmação dos altos meritos de prosador, que distinguem também a individualidade litteraria do conferente [...]. (Soares [1910a] *ibidem*).

Carlos Malheiro Dias, numa das suas "Cartas de Lisboa", refere-se à *conferência literária* para concluir sobre a potencial ineficácia educativa de todas as conferências promovidas no teatro D. Maria II por Maximiliano d'Azevedo durante o ano de 1910. Como refere: "[...] Fallar de Arte a um publico a quem a Arte não interessa, por insufficiencia absoluta de cultura para a comprehender, outra coisa não se nos affigura do que uma bravata de orgulho, embora nobre, esteril. [...]" (Dias [1910]: *apud* Nobre 2005 I: 250). O esforço desenvolvido em PPP estaria votado a um inevitável fracasso, pois a função educativa de conferências literárias como esta restringir-se-á sempre a uma elite cultural que é a menos necessitada de educação:

Não é difficil prophetisar o insuccesso que espera a tentativa do administrador do theatro D. Maria, a avaliar pelo reduzido numero de espectadores que Affonso Lopes Vieira, fóra do circulo das suas relações pessoases, obteve para a conferencia com que tão brilhantemente lhe deu principio de execução na noite de 4^a. feira. § [...] Fallava um grande poeta, dos que menos se prodigalisa, dos que de maior numero de sympathias dispõe e viu-se que podiam ser, com raras excepções, seus convidados os ouvintes attrahidos pela sua estreia de conferente. (*id.*, *ibidem*).

2.2. A dispersão poética de Lopes Vieira nas revistas literárias de então

O poeta Lopes Vieira tinha feito a maior parte da sua educação e evolução poética à volta das revistas literárias de então, identificando-se — a partir da sua inscrição conimbricense geracional em 1899 com o *Auto da “Sebenta”*. *Farça em verso em um prologo e dois quadros*, em 1900 com as canções no *Orpheon Academico de Coimbra* e o folheto *Prophecia por dois poetas*, em co-autoria com Teixeira de Pascoaes — na década alargada até 1912, uma larga dúzia de títulos nos quais publicou poesia, a saber: *A Arte* (janeiro 1899), *Ave-Azul* (fevereiro e agosto 1899; junho, agosto, setembro, outubro e novembro 1900), *O Instituto* (março 1899), *Revista Literária, Científica e Artística* (dezembro 1902, abril e julho 1904), *O Arauto* (1902), *Ala-Moderna* (1903), *Revista Azul* (outubro 1904, julho 1905), *Arte & Vida*

(dezembro 1904, julho 1905, janeiro-fevereiro 1906), *Serões* (agosto 1905), *O Heraldo* (1905), *Azulejos* (novembro 1908), *Ilustração Transmontana* (1909), *A Rajada* (janeiro 1910), *Límia* (novembro 1910), *A Águia* (janeiro e março 1911), *Eco Literário* (abril 1911).

Se somarmos a Homenagem a Trindade Coelho (1902), o soneto de Homenagem a Bocage (1905), ou os poemas “Assim contou a ceguinha” (1907), “As Gaivotas” (1910), “A João de Deus (1910), a favor das Escolas Móveis pelo método de João de Deus, ou “Tentação de S. Francisco de Assis”, em Homenagem a Gomes Leal (1913), encontramos Afonso Lopes Vieira com uma nitidez enorme na sua geração e revelando, pela sua dispersão, empatias com grupos de ideologias diversas, que consegue iludir com a sua própria *poesis*, em busca dos motivos naturais da tradição¹⁴. Pragmaticamente, ancorar-se-á ao Pinhal do rei D. Denis, e à figura dos amantes Pedro e Inês, com os túmulos de Alcobça. E é o poema, escrito em 1909, e publicado em janeiro de 1911 em *A Águia*, um exemplo da invulgar independência que pragmaticamente sempre alcançou:

fig.3 Os cabelos de Inês

OS CABELOS DE INÊS

Deus, e o seu espantoso Juízo...
Testamento de Pedro I

Às mãos de D. João VI chega, um dia,
dos cabelos de Inês um pouco de oiro,
de esse adorado tesoiro
loiro, que ao Sol de outrora refulgia.

Raios de fina luz, tinham chegado
do silêncio do túmulo dormente,
- fios de mel doirado,
raios de Sol ardente –
e com seu vivo lume resplendente
por dentro o haviam todo iluminado!

Toma-os, curioso, nos seus gordos dedos,
o rei, e para vê-los se prepara...
Os cabelos aonde se poisara
boca amorosa e ansiosa, em beijos e em segredos...

Mas eis que o vento arranca esses cabelos
de aquelas mãos, no irado gesto aéreo!...

¹⁴ Veja-se, o que a este respeito, expôs com clarividência Seabra Pereira: “[...] Toda esta facúndia militante [...] só ganha qualidade estética quando os seus caminhos se cruzam, temporariamente (como na fase primo-novecentista de Afonso Lopes Vieira, culminante nos versos de *Conto de Natal*) ou episodicamente (caso do *Para a Luz de Pascoaes*, em 1904), com verdadeiras vocações poéticas. Mas, mesmo quando não encontra tão dotados intérpretes, esta literatura de intuítos progressistas ganha outra densidade de implicações temático-formais quando, pela mão de João de Barros e seus companheiros da *Revista Nova* e da *Arte & Vida*, se inserir no sistema de valores de uma nova corrente – a do Neo-Romantismo vitalista. E após a implantação da República a força das circunstâncias políticas e sociais provocará inflexões no próprio compromisso literário, em particular no concernente à “Questão nacional”, pois quase proscreve os radicalismos libertários em favor do canto patriótico, da reconversão remoçante do tema da decadência da grei, enfim da representação literária de Portugal própria de uma refundação da nacionalidade. [...]” (Pereira 2010: 17)

- Graças te dou, ó vento de mistério...
E nunca mais ninguém conseguiu vê-los.

1909.

A figura de D. João VI, com *gordos dedos*, poderá representar a decadência portuguesa, com as invasões francesas e o desrespeito pela tradição lusitana genuína com o quebrar dos túmulos de Alcobaça — e é a natureza, neste caso o *vento, no irado gesto aéreo*, quem impede a miscigenação possível perante a visão da beleza dos cabelos. É de ressaltar o purismo desta perspectiva, sobretudo quando se sabe que o escritor terá recebido uma dádiva dos aureolados cabelos de Inês, que guardou no relicário mandado fazer ao mestre ferreiro de arte Lourenço Chaves de Almeida¹⁵.

Servindo-se da imagem motivadora e aureolada pela tradição dos cabelos de Inês, o que o poeta implicitamente nos diz é que o papel da nova visão que devolverá o passado esplendoroso e esperançoso de Portugal, está com os poetas lusíadas, pois foram eles que voltaram a ver, isto é, a poder fazer a síntese espiritual necessária.

3. A suprema síntese espiritual: o saudosismo da nação e os poetas lusíadas

O entendimento da inspiração nacional como consequência da actualização histórico-artística do Volksggeist não tinha, para os neo-românticos portugueses (e como eles bem o podiam ver em Teófilo Braga), de cingir-se a “um núcleo temático particular ou uma herança conscientemente assumida de formas e técnicas poéticas”, mas deveria traduzir-se numa orientação da energia cívica e poética que se revelasse consonante com a maneira de estar no Mundo considerada característica da alma nacional – enquanto esta (melancólica e amorosa, heroica e religiosa, bucólica e elegíaca), por seu turno, aparece em paradigmática realização de pendores neo-românticos, saliente sobretudo nas obras de orientação saudosista ou lusitanista.

J. C. Seabra Pereira, (2010) *O Tempo Republicano da Literatura Portuguesa*, Colóquio/Letras, n.º 175, Set.-Dez., Lisboa, p. 27.

Neste contexto — receção literária das primeiras décadas do séc. XX como neo-romantismo (Pereira 1983) — a elevação do sentimento saudoso a sistema definidor de uma alma portuguesa, conduzido como saudosismo por Teixeira de Pascoaes, ilumina o percurso de Lopes Vieira. Ao legitimar estas ideias teóricas, o saudosismo vem instituir-se como corrente literária que se servirá da sua produção poética como exemplo acabado de poesia saudosista: é um dos *poetas lusíadas* estimado por Pascoaes e comentado na conferência de 1918, *Os Poetas Lusíadas*¹⁶.

¹⁵ Atualmente pertença do museu Machado de Castro, por expressa vontade testamentária do poeta, executada pela viúva Helena de Aboim.

¹⁶ Antes disso, em 23 de outubro 1911, nos conturbados tempos que se seguiram à implantação da República, Guerra Junqueiro, em entrevista ao *Imparcial* de Madrid (que Raul Brandão decidiu transcrever e guardar para a posteridade no II vol. das suas *Memórias*), fazia uma série de declarações sobre a presente e futura vida política e cultural da jovem República e, em *post-scriptum*, acentuava a decadência portuguesa na ciência e na arte por contraste com a poesia: “[...] Mas a plêiade de poetas, ao contrário, é hoje verdadeiramente maravilhosa. Há muito que o génio lírico da raça os não produz tão belos e tão grandes. Para que hei-de citar Pascoaes, Corrêa d’Oliveira, Afonso Lopes Vieira, Augusto Gil, Augusto Casimiro, Jaime Cortesão, Patrício e tantos outros? O que lhes falta é público. Portugal

Óscar Lopes, por sua vez, pretende ver assim o saudosismo:

[...] uma espécie de contra-revolução oposta a (mas também mais ou menos assimiladora de) tendências decadentistas-simbolistas e naturalistas-miserabilistas de anterior Fim-de-Século. Teixeira de Pascoaes e um certo grupo (instável...) de poetas, doutrinários e artistas que mais de perto o acompanharam na revista *A Águia* (II série, 1912-21) constituíram, sem dúvida, numa certa altura, o núcleo aglutinador do Saudosismo. Mas convém não perder de vista um mais importante e mais vasto fenómeno geral, e com antigas raízes históricas, que é o generalizado culto novioromântico português da Saudade. (Lopes 1988: 210)

Nestas duas vertentes — a de um saudosismo como corrente literária com o seu próprio cânone e a de uma saudade transtemporal e arquetipicamente definidora de uma espiritualidade específica — se vai ancorar mais um episódio marcante na poética da maturidade de Lopes Vieira.

São conhecidas as primeiras sistematizações de Pascoaes na conferência proferida em 23 de maio 1912, no Ateneu Comercial do Porto, "O Espírito Lusitano ou o Saudosismo", que fazem coincidir o *ressurgimento da alma portuguesa*, a *alma pátria*, com a Saudade — sua *suprema síntese espiritual* (*apud* Botelho e Teixeira 1986: 21-36) — ficando assim anunciado um segundo advento de Portugal no mundo, depois de o primeiro ter sido coincidente com a época dos Descobrimentos. Pascoaes considera que a decadência de Portugal terá sucedido ao período épico ou camoniano, pois permitiu a: "[...] invasão do *estrangeirismo* desnacionalizador que revestiu vários aspetos: religioso (Inquisição no tempo de D. João III e o Jesuitismo); literário e político (Constitucionalismo e livros franceses)." (*idem*: 21-22).

O fator, que, segundo Pascoaes, deveria conduzir *Portugal à conquista do Futuro* (*id.*, *ibidem*), estava alicerçado na crença de uma alma lusitana com qualidades específicas e distintas das dos outros povos. Pascoaes vai procurar a filiação dos povos peninsulares em dois ramos étnicos distintos: o *ária*, representante da civilização grega, da objetividade, do paganismo, da alegria e do sol, de Vénus; e o *semita*, representante da civilização judaica, da subjetividade, do cristianismo, da dor e da lua, da Virgem Dolorosa (*idem*: 23). A raça lusitana seria o produto desse cruzamento, uma fusão do carácter ariano e semita, uma síntese de opostos consubstanciada na Saudade:

Desta forma, os dois grandes ramos étnicos que deram origem a todos os povos europeus, encontraram na Saudade a sua suprema síntese espiritual. E quando digo Saudade, digo alma portuguesa. Nascendo ela do casamento do Desejo carnal ou pagão com a Dor espiritual ou cristã —, a Saudade é também a Tristeza e a Alegria, a Luz e a Sombra, a Vida e a Morte. Ampliada à Natureza, a Saudade é a própria alma universal, onde se realiza a unidade de tudo quanto existe. Está-se a perceber a religião e a Filosofia que ela contém. (*idem*: 25)

Ao encarar a saudade como uma nova religião, filosofia, arte, estado, Pascoaes encarou-a também como *uma nova e original Poesia* (*idem*: 27), fazendo uma revisão diacrónica da História da Literatura, para encontrar os três grandes momentos do saudosismo no período quinhentista e camoniano, no sebastianismo emergente da decadência e na nova Renascença anunciada e profetizada pelo

poeta-filósofo. Eduardo Lourenço chamará a atenção para este aspeto fantasmático de uma teoria que pretende renascer das cinzas da sua própria literatura: "O Saudosismo será, mais tarde, a tradução poético-ideológica desse nacionalismo místico, tradução genial que representa *a mais profunda e sublime metamorfose da nossa realidade vivida e concebida como irreal.*" (Lourenço 1992: 25).

Adolfo Casais Monteiro, na homenagem póstuma a Pascoaes prestada pelos *Cadernos de Poesia*, interpreta a filosofia da saudade como um colmatar dos vazios da existência: "Pascoaes fez da saudade uma filosofia, porque a sua intuição do vazio do existir seria insuportável se ele não a constituísse em sistema." (*apud Cadernos de Poesia* 1953: 8). Pascoaes apoia-se em Leonardo Coimbra, o filósofo do Saudosismo, em António Carneiro, Soares dos Reis e Cervantes de Haro, os artistas saudosistas por excelência, no Orfeão do Porto e Coimbra, representantes da forma musical do saudosismo, e em poetas como Guerra Junqueiro, António Correia d'Oliveira, Afonso Lopes Vieira¹⁷, Jaime Cortesão, Mário Beirão, Augusto Casimiro e Afonso Duarte.

Fernando Pessoa esteve próximo deste ideal saudosista¹⁸, em "A Nova Poesia Portuguesa", artigo ensaístico de 1912, onde a tónica principal é posta na crença num futuro glorioso — "Prepara-se em Portugal uma renascença extraordinária, um ressurgimento assombroso" (Pessoa 1978: 26) — e no aparecimento de um supra-Camões num futuro geracional próximo. Acreditando que a corrente literária "*precede sempre* a corrente social, nas épocas sublimes de uma nação", Pessoa antevê a importância fundacional do saudosismo, com a afirmação prospetiva: "[...] a atual corrente literária portuguesa é completa e absolutamente o princípio de uma grande corrente literária, *das que precedem as grandes épocas criadoras das grandes nações de quem a civilização é filha.*" (*id.*, *ibidem*).

Encontra-se em Pessoa, como em Pascoaes, um mesmo desejo projetivo, a crença mística numa predestinação. Enquanto Pascoaes, desde o início, vai procurar individualizar e personalizar esse movimento no passado e no presente, Pessoa transfere-o para o plano do projetivo futuro e da megalomania genial, por ele próprio atualizada¹⁹. O teórico Pessoa foi mais longe do que o filósofo Pascoaes, e daí a polémica instalada entre Pascoaes e António Sérgio, na revista *A Águia*, sinaliza os aspetos mais debilmente expostos, como o da eleição do *Super Dito*,

¹⁷ Em carta de 25 de dezembro 1912, Teixeira de Pascoaes pede a Lopes Vieira uma composição poética para figurar em *A Águia*: "[...] Se lhe fôr possível enviar para a "Águia" um dos seus encantadores trechos poeticos será uma grande coisa! [...]" (BML, *Cartas [...]*, vol. I).

¹⁸ Maria da Graça Carpinteiro estabelece a ligação entre esse *ideal saudosista* e o *simbolismo*: "[...] Identificado por Fernando Pessoa, no seu ensaio *A Nova Poesia Portuguesa* (1912), como um 'transcendentalismo panteísta', ou seja, como a fase preparada pela marcha da poesia ao longo dos séculos anteriores, não deixa o saudosismo de ter diversos elementos comuns com o simbolismo: reflexo do mundo interior no exterior, interpretação deste último em função dum significado descoberto por esse reflexo íntimo, acima de tudo. [...]" (Carpinteiro 1959: 516).

¹⁹ Leia-se Eduardo Lourenço a propósito deste encontro / desencontro Pascoaes / Pessoa: "Mas entre a *Pátria* de Junqueiro e a *Mensagem* há a invenção suprema — e porventura a mais genial jamais saída da imaginação lusíada — a da *Pátria-Saudade* de Teixeira de Pascoaes. Não há em toda a nossa literatura um diálogo-combate mais fundo e complexo que o que entrelaça as aventuras poético-estruturais de Pessoa e Pascoaes. Em última análise, a aventura de Pessoa é uma tentativa — bem lograda, mas não de todo triunfante — para reestruturar em termos adequados ao seu génio próprio e a um tempo de tecnicidade cosmopolita, o misticismo sem sombra de má consciência poética nem linguística, do autor inspirado do *regresso ao Paraíso* e *Marânus*." (Lourenço 1992: 100).

matematicamente anunciado com a forte e destruidora ironia de demarcação racionalista de Sérgio²⁰: "Qual de nós todos será ele, bom amigo, qual será? Eu cá não sou: palavra de honra que não sou!" (*apud* Botelho e Teixeira 1986: 82).

Pascoaes ancorou e salvaguardou o sistema teórico do saudosismo na ideia da *intraduzibilidade* de algumas palavras, como aglutinadoras do sentido da alma coletiva portuguesa — entre as quais se contavam *nevoeiro, remoto, ermo, além, luar, ausência, sombra, silêncio, medo, lúgubre, fantasma, oculto, espectro, abismo* — "irmãs gémeas da palavra *Saudade*" e que "representam a feição original do génio lusitano" (*idem*: 45), algo como uma reserva de nacionalismo linguístico.

fig.6 CAROLINA MV_a saudade

Em primeiro lugar, destacada, vinha a Saudade, com tratamento específico na consideração de *palavra intraduzível noutros idiomas* desde D. Duarte no *Leal Conselheiro*, a Duarte Nunes de Leão na *Origem da Língua Portuguesa* e a D. Francisco Manuel de Melo na *Epanáfora de Vária História Portuguesa*, mas também a A. Cortesão no n.º. 4 de *A Águia*, "Saudade (Breves Considerações Filológicas)" e à síntese de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos sobre *A Saudade Portuguesa*, de 1914. A argumentação de D. Carolina é sustentada por uma eficiente autoridade filológica e, pese embora a existência de vocábulos de sentidos semelhantes noutras línguas, como o castelhano, o asturiano, o galego, o catalão²¹ e até o alemão, esta autora acaba por não negar "[...] que a Saudade seja traço distintivo da melancólica psique portuguesa e das suas manifestações musicais e líricas [...]" (*apud* Botelho e Teixeira 1986: 148).

Obviamente que o espírito racionalista de António Sérgio²² desmontou com argúcia esta visão parcelar indo buscar os argumentos de Manuel de Melo e de Garrett, mostrando como o saudosismo constrói "[...] uma ideia artificial e convencional da literatura", pois pretende absolutizar uma saudade que "[...] não era, como agora,

²⁰ Afonso Botelho, no artigo "Saudosismo como movimento", responsabilizará António Sardinha e António Sérgio, mas em especial este último, por uma crítica que usa a "*prevalência do real sobre a realidade*" e que contribuiu para uma desvalorização deste movimento: "Sérgio combatendo Junqueiro e o seu caprichismo romântico, Pascoaes e o saudosismo sentimental, chamou a si a tendência que a opinião dos portugueses tem para ajuizar apressadamente da realidade das ideias e da moralidade das pessoas. Por isso foi totalmente efetiva a sua influência na subjacência do saudosismo." (Botelho 1960: 226). António Quadros, em *A Ideia de Portugal na Literatura Portuguesa dos Últimos 100 anos*, responsabiliza António Sérgio por uma atitude de desconfiança intelectual face ao movimento em análise, levando à cisão posterior que afetou a cultura portuguesa: "[...] António Sérgio que, em estilo de *polemista caceteiro* ou de *apóstolo que prega à bordoadada* (expressões adequadas de Jaime Cortesão), para defender 'uma reforma de mentalidade' baseada num idealismo pragmatista, racionalista, sociologista e voluntarista, lançou uma espetacular ofensiva contra o pensamento dos principais doutrinários da *Renascença*, procurando refutá-los por uma argumentação mais sofisticada do que objetiva ou lógica, mas com o poder de sarcasmo e o apelo ao senso comum da mediocridade positivista, que tantos admiradores lhe viria a granjear." (Quadros 1989: 82).

²¹ Sobre as semelhanças entre a *saudade* portuguesa e a *anyorança* catalã, deve consultar-se a "Antologia de poetas portugueses" organizada pelo catalão Ribera i Rovira, *Atlantiques* (1913), onde este autor afirma: "[...] Entre tots els pobles de la terra, solament el poble català pot sentir i commoure-s amb la *saudade* portuguesa, perquè. Is catalans tenim l'*anyorament*, que es també, com la *saudade*, el geni de la raça, la flor meravellosa d'un estat subtilíssim de civilització, la forma expressiva, encara avui, dels nostres sentiments i de les nostres sensaciones. [...]" (Ribera i Rovira 1913: 21).

²² Sobre o nacionalismo de e sobre o próprio António Sérgio, veja-se o artigo de Vítor Viçoso, "António Sérgio: a pedagogia crítica e a literatura" in *Afecto às Letras. Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*, IN-CM, Lx., 1984, pp. 664-670.

premeditada; não foi um programa literário, uma combinação entre poetas, um *mot d'ordre*, uma mania, uma tabuleta, um artifício." (*idem*: 57). Mas é pelo saudosismo como construção, assunção consciente de um programa estético, servido por uma nova poesia, que importa tomá-lo em consideração.

fig.5 Veiga Simões-A nova geração_1911

O movimento em direção à Saudade afirmava-se progressivamente, facto de que alguns críticos da época mostram ter consciência. Publicado em 1911, o "Estudo sobre as tendências actuaes da literatura portuguesa", *A Nova Geração*, de Veiga Simões, fazia uma revisão cuidada pela literatura portuguesa de fim-de-século, desde a dissidência de Coimbra ao Simbolismo e sua dissolução, passando pela hegemonia de Teófilo Braga e considerando a importância do elemento musical, wagneriano. No capítulo "Renascimento. Profecia do Futuro", concluía com uma visão crítica rara na época: "No nosso país, as manifestações artísticas que teem aparecido nos ultimos dez annos, destituídas de espirito científico, todas procuram o mesmo ideal, todas teem como objectivo o mesmo fito." (Simões 1911: 268)

Esse ideal tinha a ver fundamentalmente com o fundo renovador da literatura que se devia procurar nas emoções do povo, na saudade como síntese desse sentir lusíada. Veiga Simões não utiliza a palavra *saudade*, embora se pudesse substituir por *tradição*, em antecipação a toda uma geração, o que Lopes Vieira tinha claramente anunciado em PPP:

A geração nova tem a seu cargo a mais nobre das tarefas: ressuscitar com inteira consciencia os textos populares, ou na doçura simples das canções portuguezas, ou na esquecida riqueza das fórmas poeticas do povo. Quando uma litteratura se torna árida como um deserto, e como um deserto extensa e igual, esses velhos monumentos sam a fonte crystallina e fresca onde se póde ir beber. (*idem*: 47)

Em 1913, Ribera i Rovira organiza uma *Antologia de Poetas portugueses* intitulada *Atlantiques*, uma antologia da poesia saudosista, com nomes que iam de Almeida Garrett a Teixeira de Pascoaes, passando por João de Deus, Antero de Quental, Cesário Verde, António Nobre e contemplando os 'novos' Afonso Lopes Vieira, António Correia de Oliveira, Eugénio de Castro, Jaime Cortesão, Mário Beirão e tantos outros²³.

²³ Os outros poetas aí representados são, por ordem alfabética: Afonso Duarte, Antonio Patrício, António Sérgio, Augusto Casimiro, Augusto Gil, Bernardo de Passos, Cândida Ayres de Magalhães, Conde de Monsaraz, D. João da Câmara, Fausto Guedes Teixeira, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, João de Barros, Júlio Brandão, Manuel da Silva Gaio, Manuel Laranjeira, Vasconcelos e Sá (Ribera i Rovira 1913). Seria interessante refletir sobre a dimensão do diálogo aberto entre a Galiza e Portugal durante as primeiras décadas do séc. XX, tomando a figura de Teixeira de Pascoaes como peça mestra numa interação que ultrapassava largamente o reconhecimento e a valorização de um período específico da literatura para se alargar a uma fraternidade acima da noção de pátria. Transcrevemos uma reflexão de António Cândido Franco a propósito das relações entre Pascoaes e Cebeiro, por ela nos parecer bastante elucidativa quanto à dimensão transterritorial do ressurgimento nacional implicado no movimento do saudosismo: "[...] O século XX foi, no Noroeste da Península, com os luzeiros da Renascença e do Rexurdimento moderno, um entardecer saudoso que soube, pelo que lembrou e desejou, ver-se como aurora solar e diurna, cheia de tonalidades quentes e sensuais, — realizando sínteses incessantes e criacionistas, dialogando com o adverso e mostrando por isso uma confiança renovada na língua e na cultura —, e não um anoitecer definitivo que tragicamente pusesse um ponto final em vários séculos de decadência e esquecimento. [...]" (Franco 1994: 10).

No "Proleg" tece considerações gerais sobre o saudosismo e os poetas precursores, bem como sobre as características fundamentais da poesia do movimento que antecipam algumas das reflexões teóricas de Pascoaes:

La generació novella ha batejat amb l'escaient nom de *Saudosismo* la corrent genuina, amorosa, idil·lica i elegiaca (potser massa elegiaca i decadent) que encara en el passat segle enaltiren d'una manera immortal aquests poetes fonament portuguesos que foren Garrett, João de Deus e Antonio Nobre, i que floreix en l'obra colossal del novelista Camillo Castello Branco. Propriament dintre del *Saudosismo* hi caben tots els poetes portuguesos actuals i pretèrits que han cantat la veritat de la vida, animica i corporia, del poble portuguès. (Ribera i Rovira 1913: 19-20).

Em *O Génio Português na sua expressão filosófica, poética e religiosa*, de 1913, Pascoaes avança com algumas considerações sobre o sistema literário – a do panteísmo e a do *animismo lusitano*, características da poética saudosista – elegendo António Nobre como o "seu grande intérprete" (*apud* Botelho e Teixeira 1986: 41). Através do sentimento religioso, outro dos elementos fundamentais do saudosismo — "Pela Arte, a Vida faz-se Beleza ou Simpatia; pela simpatia em atividade, que é o Amor, faz-se Deus" (*idem*: 48) — Pascoaes coloca o espírito lusíada contra o espírito de cientismo do séc. XX²⁴. Este espírito religioso aparenta-se com um certo espírito messiânico, de crença numa raça eleita:

Vejo esboçar-se um grande Altar, e sobre ele a Imagem da Saudade, a alma da minha Raça eleita, escolhida por Deus para a sua nova reencarnação. (*apud* Botelho e Teixeira 1986: 55)

Assim se justifica a íntima ligação ao grande cancionero nacional popular e ao povo, reveladores da alma lusíada no seu aspeto mítico e transcendente que Camões teria individualizado em *Os Lusíadas*, numa imagem da alma lusíada heroica, religiosa e amorosa. Pascoaes encontra a origem da Saudade no povo — "Em Portugal, o primeiro poeta da Saudade foi, é e será o Povo" (*idem*: 67) — e num passado sobre o qual se irá construir o futuro — "[...] a Saudade é a grande criadora do Futuro [...]; constrói o Futuro com a matéria do Passado" (*idem*: 68). Eduardo Lourenço valoriza particularmente esta capacidade projetiva para o futuro: "É em termos dessa 'futuridade' como horizonte cada vez mais revelador do percurso havido e da verdade nele contida que Pascoaes mitificou a *pátria* e não como mero acontecer-passado a regozar em êxtases de duvidosa plenitude." (Lourenço 1992: 102)

Este é um dos pontos controversos da construção teórica de Pascoaes, porque a produção poética de alguns *poetas lusíadas* não faz uma atualização à altura dos desejos do mentor. Ao considerar o significado deste movimento, cujo fulcro foi a "Renascença Portuguesa" do Porto, Maria de Sá releva o aspeto construtivo, oriundo de uma nítida aceitação da imagem decadente anterior:

²⁴ Veja-se a filiação feita por Pascoaes entre o saudosismo e uma certa filosofia da espiritualidade, e mesmo do esoterismo: "Felizmente, o renascimento religioso é inegável. Encontra-se bem claro não só na obra de Eduardo Schurée como nas obras dos modernos Filósofos, William James, Steiner, Bergson, Boutroux, etc., e ainda no progresso das várias sociedades esotéricas espalhadas pelo mundo." (*apud* Botelho e Teixeira 1986: 54). Em 1958, Feliciano Ramos, no capítulo de *Estudos de História Literária do Século XX*, "Um clima de ideias no limiar do século XX", chama a atenção para esta presença do materialismo e da espiritualidade que "[...] ora caminham em pacífico convívio, ora se refutam e combatem mutuamente, como ainda se interpenetram e combinam." (Ramos 1958: 6).

Substituir uma época de demolição por uma época de edificação terá sido uma das consequências mais construtivas do movimento poético, filosófico e doutrinário que surge nas páginas d'*A Águia* como órgão da 'Renascença Portuguesa'. Se tal foi possível, não foi por simples *reação* ou *oposição nítida* à ideia de Decadência que se instituiu como única perspectiva da realidade histórica portuguesa, mas sim pela *deslocação do sentido desse olhar retrospectivo*. (Sá 1992: 187)

O ato de renascer implica a aceitação de uma morte ou de um adormecimento prévio, donde se conclui que a decadência é um ponto de partida e não um ponto de chegada na aventura espiritual — *operação de magia poética incomparável*, assim a qualificou Eduardo Lourenço (1992: 100) — com que Pascoaes pretende alterar a imagem de inferioridade de Portugal. Sobre o processo, eis a síntese interpretativa:

Prodigiosa reversão é essa do *não-ser* imaginário (do sentimento do nosso *desvalor* que a melancólica consideração da nossa existência histórica forneceu a três gerações) em ser *supremo*, mítica e mística *Saudade* — corpo-sombra da existência lusíada. (*id.*, *ibidem*).

Desenha-se uma solução de compromisso entre o que de novo se pretende fazer e o *locus* onde se vão buscar os meios para o fazer, compromisso que virá a plasmar-se em algumas acusações de passadismo, na conclusão de F. Guimarães:

[...] os mentores da 'Renascença' encontravam-se divididos entre o espírito do tempo e o espírito do povo, da tradição. Para que esta indecisão se quebrasse seria necessário não só encontrar uma nova *ordem* do tempo, mas também pôr em questão essa tradição ou, melhor, uma certa visão do mundo que, marcada pelo seu passadismo, subjazia nas condições mais arreigadas do movimento da 'Renascença' ou no Saudosismo. (Guimarães 1988a: 10)²⁵

A verdade é que tal questionação não só não se encontra nos designados *poetas lusíadas*, mas também se fixa numa série de *motivos líricos* aceites como naturais e naturalizados na alma portuguesa, desde as origens e para sempre²⁶, marcando a

²⁵ Num artigo intitulado "A Esperança e a Saudade no Nacionalismo da 1ª. República", Victor de Sá traça um retrato do *escol intelectual da I República*, retrato esse desenvolvido à volta da "Renascença Portuguesa", considerado pelo autor, desde o polémico início, dividido em duas correntes de orientação divergente: "Na 'Águia' se encontraram e desencontraram, com efeito, representantes de diferentes correntes filosóficas e nacionalistas, diferentes ideologias digamos numa só palavra, que procuravam através da criação literária e artística, ou da investigação histórica e científica, encontrar as raízes e as condicionantes da nacionalidade portuguesa, de modo a fazer reencontrar Portugal consigo próprio e a restituir aos portugueses o sentimento do orgulho nacional. § Isso traduzia-se, para uns, num sentimento de saudade e num desejo obscuro de retorno a um passado povoado de lendárias heroicidades. Constituíam a corrente tradicionalista dos saudosistas e sebastianistas. Para outros, animava-os a esperança no futuro e a capacidade de realização assente na planificação e no desenvolvimento crítico dos portugueses. Formavam a corrente oposta do racionalismo." (Sá 1977: 19). Quando, no corpo do texto, se fala do movimento da "Renascença", faz-se uma identificação apenas com esta vertente saudosista e tradicionalista.

²⁶ Em conferência intitulada "Introdução à moderna poesia portuguesa", Hernâni Cidade faz uma síntese sobre as poéticas saudosistas de Pascoaes e de Mário Beirão, síntese que bem se pode estender a toda a poesia saudosista: "[...] nesta visão fantástica de um mundo em que tudo estremece num sonho continuamente criador, e, na própria névoa da expressão verbal, como nos contornos imprecisos dos símbolos plásticos, tudo se esfuma em aspectos fantásticos, há um aprofundamento do dado poético recebido de Junqueiro [...] § [...] Drama das coisas, drama dos homens, tudo penetrado da mesma alma nostálgica, tudo como que virado para profundidades misteriosas, revendo paisagens, fantasmas interiores, sob a sugestão do ambiente mais calado e triste da terra portuguesa [...]" (Cidade 1938a: 393). Leiam-se alguns exemplos geracionais, como o de Pascoaes de *Sempre* (1902): "No vasto mar da Vida é uma onda cada ser... / Uma onda estranha, excepcional, iluminada / Que vai, n'um sonho puro e santo, adormecer / N'uma praia de luz, longínqua e ilimitada... / Súbito, d'esse mar sai um murmúrio vago, / Um canto d'esperança as ondas alumia." (*apud* Guimarães, 1988a: 119); o de António Correia d'Oliveira de *Alma Religiosa* (1910): "Ó Mar! Ó Mar! minha alma, não atina / Com a tua alma: em

produção poética com uma imagética gasta e pouco inovadora onde se pode ler uma imagem do mar (ou da água) como síntese dos anseios da raça e do nascimento da própria voz poética. Será este o caminho do poeta Afonso Lopes Vieira.

Do mesmo modo, a glosa da imagem filial do amor à paisagem, como afirmação da própria nacionalidade²⁷, se transforma num *motivo lírico* da alma portuguesa. As imagens omnipresentes do vago, do além e da saudade, que mostram a inefabilidade do mistério da raça, aparecem consubstanciadas em *motivos líricos*²⁸. Para Pascoaes, estes motivos poéticos confundiam-se (e fundiam-se) com as próprias "qualidades originais" da raça portuguesa, numa indistinção entre programa poético e programa étnico, característica do movimento saudosista — como dirá Teresa Rita Lopes, a permanente busca "[...] desse ser português que os Saudosistas se empenharam em fixar para que o cidadão se pudesse rever nessa imagem de si e reconciliar com quem era." (Lopes 1989: 34). Pascoaes afirma categoricamente:

Um povo só poderá ressurgir, pondo em actividade as suas qualidades originaes, porque são elas que lhe dão a consciencia do seu próprio sêr inconfundivel e esse orgulho da raça que cria o amôr da patria e, com ele, todos os grandes sentimentos de sacrificio, abnegação, heroismo.

Os Portugueses necessitam, portanto, de comungar a *alma lusíada, camoneana, popular*, que encerra, na sua essencia de saudade, um converter em nova Civilização. (Pascoaes 1914: 9-10).

vão eu a procuro / Por altas ondas de água ou de neblina." (*idem*: 155); o de Afonso Duarte de "Romanceiro das Águas" (1911): "Sim: foi destes instintos de cantar / como cantam ao longe os olhos de Água / que nasceu o Ritmo e a saudade e o verso; / e é que as Mães aprenderam a embalar / os filhinhos de berço." (*idem*: 160-1); ou o de Mário Beirão em *Lusitânia* (1917): "Por ti, as ondas quebram, a chorar, / Os sinos, à tardinha, tangem ais, / E marulham saudades os pinhais!" (*idem*: 181).

²⁷ Leiam-se as palavras de Pascoaes em *Arte de Ser Português*, de 1915, sobre a importância da paisagem para o movimento saudosista e da respetiva metamorfose poética: "A reflexão da paisagem no homem é activa e constante. A paisagem não é uma coisa inanimada; tem uma alma que actua com amor ou dor sobre as nossas ideias ou sentimentos, transmitindo-lhes o quer que é da sua essência, da sua vaga e remota qualidade que, neles, conquista acção moral e consciente. § Por isso, a paisagem representa um grande papel na nossa existência; tem sobre nós como que um poder de herança, igual ao dos fantasmas avoengos." (Pascoaes 1978: 71). A Paisagem é deste modo caracterizada como um dos elementos primordiais da tradição literária saudosista. Entre os glosadores desse *motivo lírico*, vejamos os exemplos de Jaime Cortesão em *Glória Humilde* (1914): "É por amor do céu e do Sol-posto, / Do Mar... de ti, Paisagem que me abraças, / Que eu sou Poeta e canto e choro e rezo / E que vos dou esta oração de graças." (*apud* Guimarães, 1988a: 168); de Mário Beirão em "As Queimadas" (1911): "E porque eu sou da mesma ardente raça / e trago nos meus olhos extasiados / a saudade nostálgica dos gados, / do Sol e das campinas, / ergo as trigueiras mãos, cheio de graça, / e as orações rezadas a tremer / vão para vós — incensos derramados — / ó fogueiras divinas, / ó Queimadas a arder!" (*idem*: 173); de Manuel Eugénio Massa em "Almas do Bosque" (1912): "E o pinhal suspirando / Saudade inacabável / Rememora paragens d'outro mar..." (*idem*: 183); de Afonso Mota Guedes com "Soneto" (1912): "Um dia fui pastor. Nas serranias / Vi romper alvoradas a meu gosto, / E sozinho, nas altas penedias, / Bebi o Sol que trago no meu rosto." (*idem*: 187); ou de António Alves Martins, com "Linha de Horizontes" (1913): "Vi horizontes — um perder distante! — / Dizer assim às mágoas do Poente: / — Tereis, de novo, a bênção do Levante!" (*idem*: 188).

²⁸ Veja-se o percurso de Américo Durão em *Vitral da Minha Dor* (1917): "Alongo os olhos pela sombra fora... / — São os passos de Alguém que Se ignora, / É sempre o mesmo nada, o mesmo anseio!" (*apud* Guimarães, 1988a: 193); o de Sant'iago Prezado em *Entre a Folhagem* (1924): "Vogar, pairar, envolto em claridade... / Perder-me pelo azul da Imensidade... / Levantar-me o vento... e nunca mais voltar!..." (*idem*: 199); o de Anrique Paço d'Arcos em *Divina Tristeza* (1925): "Pelos regiões etéreas, pressentindo / Além da escuridão que me seduz, / Outro sonho, outra vida, uma outra luz..." (*idem*: 200); ou o de António Carneiro em *Solilóquios* (1936): "Quem és tu, ó visão, visão amiga, / Que à minha sôfrega alma de mendiga / Nunca o óbulo negas da piedade? / [...] / — Sou a Saudade..." (*idem*: 201).

Estas afirmações de Pascoaes resultam da indistinção entre a proposta patriótica e a literária presente na conferência de 1914, *A Era Lusíada*, depois em *Arte de Ser Português*, de 1915, com um cariz pedagógico evidente e a servir fins educativos e de propaganda. Em *Arte de Ser Português*, numa clara articulação com o patriotismo exacerbado que caracterizará esta geração, Pascoaes esclarecerá:

Eu chamei Saudosismo ao culto da alma pátria ou da Saudade erigida em Pessoa divina e orientadora da nossa actividade literária, artística, religiosa, filosófica e mesmo social.

E a saudade, com a sua face de desejo e esperança, é já a sombra do Encoberto amanhecida, dissipando o nevoeiro da legendária manhã.

A saudade, que chorou depois de Alcácer Quibir e assistiu, negra de luto, às exéquias nos Jerónimos, mostra agora, na alegria da sua revelação, o primeiro sorriso de esperança, porque ela, definindo-se, definiu também o nosso sonho nacional de Renascença, o alto destino imposto a Portugal pela Tradição e pela Herança. (Pascoaes 1978: 140-1).

Numa interpretação ideológica Victor de Sá irá ler as visões idealizadas e fantasmagóricas de Pascoaes como "[...] o eco do verbalismo romântico da *redenção da pátria* que os propagandistas da República tinham pregado durante uma vintena de anos." (Sá 1977: 19).

4. A redenção da pátria: o Integralismo Lusitano e a geração do regresso

Se a tendência crescente do híbrido ressurgimento religioso e nacionalista, tradicionalmente católico e monarquizante, se afirmara e estabeleceria através do movimento político e ideológico do Integralismo Lusitano, a sua expressão literária passava também pelos órgãos afectos a esse movimento – ora graças à acção crítica de triagem e promoção de tendências, autores ou obras, ora graças à insinuação de um cânone de relançamento antológico de poemas, ora mais directamente graças à divulgação de inéditos líricos dos bardos coevos -, embora numa iniludível secundarização relativamente à doutrinação ideológica, à revisão historiográfica e à intervenção política conjuntural.

J. C. Seabra Pereira, (2010) *O Tempo Republicano da Literatura Portuguesa*, Colóquio/Letras, n.º 175, Set.-Dez., Lisboa, pp. 40-41.

Curiosamente, entender este patriotismo como uma arma ideológica da jovem República e ver o grupo ligado à "Renascença Portuguesa" maioritariamente constituído por republicanos, não impede que outro grupo, o "Integralismo Lusitano", com aspirações patrióticas semelhantes, mas de sentido monárquico, desenvolvido à volta de *Alma Portuguesa*, de 1913, revista publicada na Bélgica e depois, já em Portugal, à volta da *Nação Portuguesa*, de 1914, cujo mentor foi António Sardinha²⁹,

²⁹ O papel de António Sardinha como apóstolo da ideia monárquica nacionalista do "Integralismo Lusitano" é reconhecido: "[...] toda a sua obra tendeu a apresentar a Monarquia como realização 'integral' das exigências do nacionalismo. Pode dizer-se que teve em face do nacionalismo português a posição e o papel de Mauras relativamente ao nacionalismo 'barresiano'..." (d'Assac 1962: 315).

pugne por idênticos valores. Como conclui F. Guimarães: "Afinal, o patriotismo tradicionalista caminha a par do patriotismo jacobino..." (Guimarães 1988a: 8)³⁰.

No volume de 1915, *O Valor da Raça. Introdução a uma Campanha Nacional*, António Sardinha (ou sob o pseudónimo de António de Monforte) pretende fazer "[...] um breviário do que seja em esboço a doutrina nacionalista da hora futura." (Sardinha 1915: XXIX), recusando a visão pessimista da teoria dos acasos de Oliveira Martins e aproveitando de Teófilo Braga a "parte em que [...] defende as qualidades formosíssimas do Luso e inventaria as aptidões ancestraes que já do fundo dos séculos nos fadavam para povo livre e glorioso." (*idem*: XVIII), elevando-o a farol de toda uma geração, na sua "missão sacerdotal de atrair a um batismo novo a esperança esquecida do Luso." (*idem*: 144). O mesmo propósito de fuga à crise, através de um novo entendimento da tradição, anima o programa da geração prefaciada por Sardinha, numa linguagem emblemática (alegórica é a sua torrencial argumentação), sob o lema "A Verdade Portuguesa":

Tenta-se na crise presente uma seria valorização nacional. Apenas pela volta ao fio interrompido da Tradição se atalhará o despenho acelerado para o abismo. Tradição importa, não um ponto imóvel no Passado, não um enclausuramento em formas obsoletas e cristalizadas, mas sim a obediência consciente áquele determinismo da Raça e meio que, gerado por inflexíveis condições históricas e físicas, não se aliena de nós sem se alienar conjuntamente a raiz da nossa própria personalidade. (*idem*: XXII)

Desdobrando-se em intrincados capítulos — "A hipótese do Homo Europaeus", "O Génio Ocidental", "O Espírito da Atlântida" — Sardinha intenta desenhar, o mais longinquamente e fabulosamente possível, a raiz dessa nacionalidade lusitana, numa tentativa, falhada, de contribuir para alterar um estado geral de preconceito, "[...] o negativismo de raça professado pelos nossos escritores", contra o qual se deve lutar: "Bem descurado, o estudo das nossas origens é que é imperioso desenvolver-se e opô-lo com energia aos falsos critérios que nos levam para o fundo irreparavelmente." (*idem*: 107). Ao chegar aos fundamentais capítulos — "A Teoria da Nacionalidade" e "Integralismo Lusitano" —, procura que a ancoragem na Tradição não seja entendida como um encerramento na *contemplação saudosa do Passado*, mas antes como um reconhecimento da *contínua sucessão dinâmica em que a história se coordena entre si, efectuando a solidariedade dos Mortos com os Vivos* (*idem*: 152), para que assim também este movimento se possa enunciar como portador do *futuro de Portugal* e como a *escola da vindouira consciencia colectiva* (*idem*: 154)³¹.

³⁰ António José Saraiva e Óscar Lopes, em *História da Literatura Portuguesa*, apresentam uma visão bipartida destas duas correntes, admitindo apenas oscilações individuais em franca contradição com a visão aqui proposta: "[...] bifurcação do neo-romantismo academizante do princípio do século em dois veios que então correspondem ideologicamente, nas suas grandes linhas, à divisão entre monárquicos e republicanos e, nas suas leituras francesas, àqueles que se haviam situado de um modo reaccionário ou de um modo progressista na célebre questão Dreyfus. Tal bifurcação, aliás flutuante em diversos casos individuais, origina, por um lado, as correntes a que se deram os nomes de *neogarrettismo*, *nacionalismo*, *integralismo*, e que aqui agruparemos sob a designação de tradicionalistas, e por outro lado, a *Renascença Portuguesa* e o *saudosismo*. [...]" (Saraiva e Lopes 1978: 1065-6).

³¹ O entendimento que Sardinha faz da tradição como linha harmónica e ininterrupta, encadeando entre si as gerações e as idades, os acontecimentos e os homens é, de certo modo, uma reinterpretação alargada da fórmula de Barrès (1862-1923) — o mestre de pensamento de todo o movimento nacionalista francês — 'a Terra e os Mortos', que os nacionalistas seguiam. Em *Doutrinas do Nacionalismo*, Jacques Ploucard d'Assac resume o entendimento que Sardinha faz da tradição: "[...] À

Se desconhecêssemos o autor destas palavras, leríamos nelas uma intenção programática idêntica à que conduziu Pascoaes ao Saudosismo. As breves referências de Sardinha às *qualidades inerentes* da raça lusíada — "a amorosidade de temperamento crescendo tanto para as exaltações messiânicas da Esperança, como para as delicadesas emocionais da Saudade, que é a *gran coyta do corazon*, em que os nossos cancioneiros florescem ainda agora como na hora primeira" (*idem*: 171) — não podem deixar de ter sido influenciadas pelo clima saudosista. Afonso Duarte, representante da corrente saudosista numa parte significativa da sua obra, há de defender uma certa complementaridade entre Integralismo e Renascença³².

Mas o movimento evoluirá sobretudo para os perigosos e fechados dogmatismos associados à nomenclatura "nacionalista" e à ideologia do Estado Novo. João Ameal, em 1928, em *A Contra Revolução*, procura provar a inutilidade e o poder destrutivo de todas as revoluções e encontrar um *novo mundo espiritual e tradicional*, "a renascença [...] de todas as virtudes permanentes de unidade, harmonia orgânica e ordem social [...]" (Ameal 1928: VIII) e, mais tarde, em 1932, com *Panorama do Nacionalismo Português*, pretende fazer crer que a geração de então "será a despertadora da convalescência nacional" (Ameal 1932: 79), a chamada *Geração do Regresso*, por ter sabido "definir-se no regresso consciente à lareira histórica" e ter sabido reconstituir, "na sua aspiração de futuro, o monumento eterno do passado." (*ibidem*)³³. Posições como as de João Ameal limitaram irreversivelmente o alcance cultural do movimento.

Afonso Lopes Vieira conseguiu escapar à pressão de todos estes grupos ideológicos, procurando mostrar que a tradição lusitana e os motivos poéticos não tinham que ser pretos ou brancos, monárquicos ou republicanos, pois a *redenção da pátria* estava bem acima de tudo isso. A questão consistia em conseguir ver os cabelos de Inês, guardá-los religiosamente pelas mãos dos artesãos populares e fazer deles uma memória partilhada em museu. E talvez tenha sido esse um desiderato mais duradouro do que a conferência de 1910...

Tradição, António Sardinha pede sobretudo a protecção contra as ideologias, as irreflexões do espírito, ainda, e sobretudo, bem intencionadas. Não quer considerar senão aquilo que designa como 'os dois elementos naturais' da Nação: 'A Terra e a Raça'. É a fórmula de Barrès — a Terra e os Mortos — menos romantizada e mais exacta, porque embora repouse nos mortos, a Raça é também uma transformação [...]" (d'Assac 1962: 320).

³² O texto em que A. Duarte defende essa complementaridade é uma carta inédita, não datada, dirigida a Albano Nogueira, de resposta ao ensaio *Imagens em espelho côncavo*, de 1940, carta publicada na *Colóquio/Letras*, n.º 71 e comentada por Seabra Pereira. Nela se pode ler uma interessante tentativa de revalidação dos dois movimentos em consideração, através da iluminação de personalidades com influência na nova geração: "[...] E há-de achar-se também que não há fundamentalmente divergência entre as duas pleiades de 910 — a do Integralismo e a da Renascença, ambas enraizando na geração de 70. E há personalidades nas 2 pleiades que não desmerecem das de outrora. Nomes? Bem conhecem os Novos quanto devem a um Sérgio, a um António Sardinha, a um Leonardo (animador do espírito filosófico), a um Proença, a um Jaime Cortesão (investigação histórica) — a um Aquilino e a um Raul Brandão (prosadores). À pleiade da Renascença pertence o próprio Fernando Pessoa, onde se firmou como crítico. Ser anti-Sérgio ou anti-Leonardo não é negá-los. Ninguém pode negar a projecção do Sérgio como ensaísta, entre os Novos, e o florescimento do espírito crítico no tempo que vem correndo desde 'Presença'. E vivos estão os que podem dizer quanto devem ao Leonardo — (Marinho, Santana Dionísio, Casais, etc.). [...]" (*apud Colóquio/Letras*, 71 1983: 42).

³³ Esta designação de João Ameal — *A geração do Regresso* — era conhecida, pelo menos desde 1924, altura em que foi publicado um artigo seu, na revista *Labareda*, n.ºs 9-10, de Set.-Out., com a observação de que pertenciam a um capítulo de um livro inédito, que planeava terminar em 1925 (Ameal 1924: 181-9).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Bibliografia ativa:

VIEIRA, Afonso Lopes,

- 1899, [AS] *AUTO DA "SEBENTA". Faça em verso em um prologo e dois quadros*, ed. da Comissão Académica do Centenário da "Sebenta", França Amado, Coimbra.
- _____, *CANTIGAS PARA O FADO E PARA AS "FOGUEIRAS" DE SAN JOÃO*, por Estudantes de Coimbra (Augusto Gil, Teixeira de Pascoaes, A. Macieira, Alberto Pinheiro, Humberto Bettencourt, Pereira Barata, Guedes Teixeira, Affonso Lopes-Vieira), publ. por iniciativa de Augusto Gil e de Af. Lopes-Vieira, ed. Livr. França Amado, Coimbra, folh. de 8 pp.
- _____, "Ao fim do mundo" e "13 QUADRAS" in *A Arte*, fasc. F (2.º ano), 1 de Janeiro, Porto, Lisboa e Rio de Janeiro, pp. LXV-VI e CLIII-CLIV.
- _____, *Orpheon da "Sebenta"*, sob a dir. de Luiz Albuquerque (Na comemoração do 'Centenário da Sebenta'), ed. da "Com. Ac. do Centenario", Lit. 'Minerva Central', Coimbra, folh. de 7 pp.
- _____, "Ser Velho, para Amar!" in *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro*, dir. de Ant. Xavier Rodrigues Cordeiro, Liv. Ant. M.ª Pereira, Lx., p. 299.
- _____, "O MEU EPITAPHIO" in *Ave-Azul*. Revista de Arte e Critica, série 1.ª, fasc. n.º 2, Vizeu, 15 de Fevereiro, p. 57.
- _____, "ODE A GARRETT" in *O Instituto*. Revista Scientifica e Litteraria, vol. 46.º, n.º 3, Imprensa da Universidade, Coimbra, Março, pp. 187-8.
- _____, "A DAMA PÉ DE CABRA" in *Ave-Azul*. Revista de Arte e Critica, série 1.ª, fasc. n.º 8, Vizeu, 15 de Agosto, pp. 328-9.
- 1900, [MA] *O MEU ADEUS*, Typographia da Companhia Nacional Editora, Lx.
- _____, *Orpheon Academico de Coimbra*. Canções pelos bachareis: Ant. Pinto d'Albuquerque, Affonso Lopes-Vieira, Mario Esteves d'Oliveira, tip. Luiz Cardoso, Coimbra, Abril, folh. de 12 pp.
- _____, "13 QUADRAS" in *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro*, dir. de Ant. Xavier Rodrigues Cordeiro, Liv. Ant. M.ª Pereira, Lx., pp. 253-4.
- _____, *Elegia da "Cabra"*, folha volante, typ. França Amado, d. Coimbra, 16 de Maio. [R, l: f. 15r.]
- _____, "Elegia da *Cabra*" in *Ave-Azul*, s. 2.ª, fasc. n.º 6, Vizeu, Junho, pp. 344-5.
- _____, "O Coração do Adamastor" in *Ave-Azul*, s. 2.ª, fascs. n.ºs 8 e 9, Vizeu, Ag. e Setembro, pp. 446-8.
- _____, "XIV. Senhora, imaginae que se morria" in *Ave-Azul*, s. 2.ª, fascs. n.ºs 10 e 11, Vizeu, Out. e Nov., p. 561.
- [1901], [PDP] *PROPHECIA POR DOIS POETAS* [poemas de Afonso Lopes Vieira e Teixeira de Pascoaes, publicados anónimos], Coimbra, sd., folh. de 9 pp.
- 1901, [PS] *O Poeta Saudade*, F. França Amado ed., Coimbra.
- 1902, "NEVOEIRO" in *O Arauto*. Rev. Illustrada, Lx., 1.º anno, n.º 8, [1902], [p. 12].
- _____, "A TRINDADE COELHO. Tem a minha vizinha costureira" in *Lisboa Elegante*, rev. quinzenal ilustrada, anno I, n.º 4, Lx., 15 de Abril, p. 32.
- _____, "CANÇÃO DO LINHO (Agosto, 1902)" in *Revista Literária, Scientifica e Artística*, n.º 14, 1 de Dezembro.
- 1903, "SONETO. Tem a minha vizinha costureira" in *Ala-Moderna*, rev. quinz. ilustrada. Litteratura e critica, 1.º anno, n.º 6, Guimarães, 10 de Outubro, p. 45.
- 1904, [PE] *POESIAS ESCOLHIDAS — 1898-1902*, ed. Viuva Tavares Cardoso, Lx.
- _____, "DAS POESIAS ESCOLHIDAS. Inscrição para o tumulo dum gato. Outôno. Fim d'um livro" in *Revista Literária, Scientifica e Artística*, n.º 84, [4 de Abril].
- _____, "VIAGENS" in *Revista Literária, Scientifica e Artística*, n.º 98, 13 de Julho.
- _____, "VIAGENS" in *Revista Azul*, vol. 1, n.º 19, 9 de Outubro, p. 3.
- _____, "PRIMAVERA" in *Revista Azul*, vol. 1, n.º 21, 23 de Outubro, p. 7.
- _____, "A uma 'Nossa Senhora' Grávida (Num Museu)" in *Arte & Vida*, Revista d'Arte, Critica e Sciencia, n.º 2, Dezembro, pp. 57-8.
- 1905, [CN] *Conto do Natal*, ed. Viuva Tavares Cardoso, Lx.
- _____, [OE] *O ENCOBERTO*, ed. Viuva Tavares Cardoso, Lx.
- _____, "Soneto" in *A Nossa Homenagem ao Insigne Poeta Setubalense Bocage*, n.º único, pub. no 1.º centenário da sua morte, Lx., p. 6.
- _____, "Elogio da Redondilha" in *Arte & Vida*, n.º 9, Rev. d'Arte, Critica e Sciencia, Liv. Academica ed., Coimbra, Julho, p. 383.
- _____, "PARA QUE?" in *Revista Azul*, vol. I, n.º 47, Julho, p. 5.
- _____, "As Arvores da Cidade" in *Serões*, rev. mensal ilustrada, n.º 2, Liv. Ferreira & Oliveira, Lx., Agosto, p. 118.
- _____, "Para Quê?" in *O Herald*, rev. ilustrada e litteraria, n.º 1, 1 anno, Lx., p. 1.
- _____, "Criar (inédito)" in *O Herald*, rev. ilustrada e litteraria, n.º 2, 1 anno, Lx., p. 1.
- 1906, [AL] *AR LIVRE*, ed. Viuva Tavares Cardoso, Lx.

- _____, "Os Mortos" e "A Vida e a Obra d'uma Borboleta" in *Arte & Vida*, Revista d'Arte, Crítica e Sciencia, n.ºs 10 e 11, Jan.-Fev., pp. 418-22.
- _____, "Manoel Alves (Lisboa, 1903)" in *O Poeta Cavador Manoel Alves* [Comissão Promotora do Monumento a Manoel Alves], cols. Thomaz da Fonseca, Lopes d'Oliveira, Guerra Junqueiro, Theophilo Braga, Fialho d'Almeida, Bernardino Machado, João Lúcio, Cruz Andrade, Mayer Garção, Vicente Arnoso, Elisée Reclus, Thommazzo Cannizaro, Barriobero y Herran, Justino de Montalvão, João Correia d'Oliveira, Simões Ferreira, Silva Pinto, Marcos Algarve, Domingos de Castro, Carlos de Lemos, Dias d'Oliveira, Affonso Lopes Vieira, João de Barros, typ. de Luiz Cardoso, Coimbra, p. 82.
- 1907**, "ASSIM CONTOU A CÉGUINHA" in *No Dia da Festa*. Numero unico em beneficio da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo de João de Deus, em 27 de Setembro de 1907 no Salão do Grande Club Peninsular da Figueira da Foz, Typ. Barata Salgueiro, Figueira, p. 11.
- 1908**, [PR] *O Pão e as Rosas*, ed. Liv. Ferreira, Lx.
- _____, "Fébre" in *Azulejos*, semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes, ano II, 4.^a ser., n.º 60, 9 de Novembro, p. 2.
- 1909**, "Sobre a Bandeira de Chaves. As bandeiras da Terra" in *Ilustração Transmontana. Archivo pittoresco, litterario e scientifico das terras transmontanas*, 2.^o anno, emp. da Ilustração Transmontana, Porto, p. 33.
- 1910**, [PPP] *O POVO E OS POETAS PORTUGUESES*. Conferência lida pelo autor no teatro D. Maria II em 12 de Janeiro de 1910, Typ. "A Editora", Lx.
- _____, "UM RAI DE LUZ" in *A Rajada*, Rev. Theatral e Litteraria, anno I, n.º 2, Lisboa, 8 de Jan., p. 3.
- _____, "AS GAIVOTAS" in *Festival para o Jardim-Escola João de Deus em Coimbra*, Salão Nobre do Casino Peninsular da Figueira da Foz, typ. Popular de Manuel J. Cruz, Figueira, 28 de Setembro, folh. de 8 pp.
- _____, "Canto da Rôla no Outono" in *Límia*, revista mensal ilustrada de letras, ciências e artes, série I.^a, n.º 2, Viana do Castelo, Novembro, p. 25.
- _____, "Á BANDEIRA (Poesia recitada no theatro Nacional, pelo actor Carlos dos Santos, na noite de 1 do corrente)" in *O Domingo*, anno II, n.º 55, Angra do Heroismo, 18 de Dezembro, p. 118.
- 1911**, [JD] *A JOÃO DE DEUS*, Na inauguração do Jardim-Escola, ed. França Amado, Lx.
- _____, "OS CABELOS DE INÊS" in *A Águia*. Revista quinzenal, Ano I, n.º 4, 1.^a série, Porto, 15 de Janeiro, p. 10.
- _____, "O cão (excertos)" in *A Águia*. Revista quinzenal, Ano I, n.º 7, 1.^a série, Porto, 1 de Março, p. 3.
- _____, "Sonetos escolhidos. XIV. Tem a minha visinha costureira" in *Echo Litterario*, rev. semanal, anno I, n.º 14, Vila Franca, 1 de Abril, [p. 3].
- _____, [CVS] *CANÇÕES DO VENTO E DO SOL*, typ. "A Editora", Lx. (1.^a ed) — 1967, *Canções do Vento e do Sol*, Parc. A. M. Pereira, Lda., Lx., 2.^a ed., sg. a 1.^a ed. de 1911 (2.^a ed.) — 1983, *Canções do Vento e do Sol*, col. "Clássicos da Língua Portuguesa", n.º 6, ed. Ulmeiro, Lx. (3.^a ed.).
- [1911], [RB] *ROSAS BRAVAS*, *Acto em verso*, representado pela primeira vez no Teatro da República em 5 de Abril de 1911, "A Editora", ed. do autor, Lx., sd.
- 1912**, "As nossas creanças" in *A Capital*, n.º 544, 2.^o ano, 4 de Fevereiro.
- 1913**, *O SONETO DOS TUMULOS*, recitado por Augusto Rosa junto dos tumulos de Dom Pedro e Dona Inês de Castro no Mosteiro de Alcobaca. Noite de 17 de Agosto, folh. de 4 pp..
- _____, "TENTAÇÃO DE S. FRANCISCO DE ASSIS" in *Homenagem a Gomes Leal — Dez Sonetos*. Inéditos de Afonso Lopes Vieira, António Corrêa de Oliveira, Augusto Gil, Eugenio de Castro, Henrique Lopes de Mendonça, João de Barros, Joaquim Coelho de Carvalho, Júlio Brandão, Júlio Dantas, Manoel da Silva Gaio, J. Rodrigues & C^a eds., Lx., 1.^a p.
- 1914**, "Carta (Funchal, 14 de Maio de 1913)" in PEREIRA, Eduardo, *Golpes*, Livrs. Aillaud & Bertrand e Liv. Francisco Alves, Funchal, pp. 9-11 .
- 1916**, *Carta à Sociedade de Estudos Pedagógicos*, sobre a "Decoração das Escolas Portuguesas", Boletim da S. E. P., Lx., Abril.
- [1918], [CSA] *CANÇÕES DE SAUDADE E AMOR (LIEDER)*, Poesias de Affonso Lopes Vieira, Música de Ruy Coelho, Valentim de Carvalho ed., imp. n' A Editora L.^a, Lx., sd. (1.^a ed.) — *Canções de Saudade e Amor (Lieder). Chansons de Regret et d'Amour*. Música de Ruy Coelho, versão francesa do Dr. Francisco Fernando Lopes ,sl., sd. (2.^a ed.).
- 1918**, "Carta que o eminente poeta Afonso Lopes Vieira escreveu (Março de 1918)" in OLIVEIRA, José Bruges d', *As minhas Cantigas*, quadras, ed. do autor, Lx., 1 de Maio, pp. 11-5.
- 1922**, [DG] *EM DEMANDA DO GRAAL*, Soc. ed. Portugal-Brasil, Lx.
- _____, "1. Afonso Lopes Vieira. *Da Linguagem e do Canto* (Do livro *Em demanda do Graal*, Lisboa, 1922, pág. 347 e ss.)" in *Paladinos da Linguagem*, 2.^o vol., Antologia Portuguesa, Livrs. Aillaud e Bertrand, Paris-Lx., pp. 3-18.
- 1947**, "Palavras (Moel, 1945)" a CÉU, António Gomes do (Antigo Soldado do C.E.P.), *Fui Chamado para a Guerra...* Poema, Lx., [p. 1].
- Correspondência com ANTERO DE FIGUEIREDO, carta de 30 janeiro 1910, in *Cartas e Outros Escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira*, vol. II, espólio de Afonso Lopes Vieira, BML [Biblioteca Municipal de Leiria].
- Correspondência com MANUEL DA SILVA GAIO, carta de 14 fevereiro 1910, in *Cartas e Outros Escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira*, vol. I, espólio de Afonso Lopes Vieira, BML.

Correspondência com TEÓFILO BRAGA, carta de 5 março 1910, in *Cartas e Outros Escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira*, vol. I, espólio de Afonso Lopes Vieira, BML.

Correspondência com TEIXEIRA DE PASCOAES, carta de 25 dezembro 1912, in *Cartas e Outros Escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira*, vol. I, espólio de Afonso Lopes Vieira, BML.

Bibliografia passiva:

- ADORNO, Theodor W. (1989) *Kierkegaard: Construction of the Aesthetic* [1979], trans. R. Hullot-Kentor, Un. of Minnesota Press, Minneapolis.
- AMEAL, João (1924) "A Geração do Regresso" in *Labareda*, n.ºs 9-10, Porto, Set.-Out., pp. 181-9.
- _____, (1928) *A Contra Revolução*, capa de Carlos Carneiro, liv. Atlântida ed., Coimbra.
- _____, (1932) *Panorama do Nacionalismo Português*, ed. de José Fernandes Júnior, Lx.
- ARROYO, Antonio (1909) *O Canto coral e a sua função social*, França Amado ed., Coimbra.
- ASCENSÃO, Leão Ramos (1943) *O Integralismo Lusitano*, Of. da Imprensa Portuguesa, Porto.
- ASSAC, Jacques Ploucard d' (1962) *Doutrinas do Nacionalismo*, ed. Panorama, Lx.
- BOTELHO, Afonso (1960) "Saudosismo como movimento" in *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. XVI, n.º 2, Abril-Junho de 1960, pp. 218-30.
- BOTELHO, Afonso e TEIXEIRA, António Braz (sel. e org.) (1986) *Filosofia da Saudade*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lx.
- Cadernos de Poesia* (1953) n.º de homenagem a Teixeira de Pascoaes, III.ª série, fasc. 14, Lx.
- CARPINTEIRO, Maria da Graça (1959) *A Prosa Poética do Simbolismo do fim do século XIX à geração do Orpheu*, separata das *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, I*, Lx. — 1957, Lx., pp. 511-20.
- CIDADE, Hernani (1938) "9. Conferências do Prof. Hernani Cidade. Introdução à moderna poesia portuguesa. Camões na festa da Raça." in *Revista da Faculdade de Letras*, tomo V, n.ºs. 1 e 2, Lx., pp. 390-403.
- Colóquio / Letras* (1964) n.º 31, Fundação Calouste Gulbenkian, Lx..
- _____, (1983), n.º 71, Fundação Calouste Gulbenkian, Lx., Janeiro.
- DEUS, João de (1876) *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*, typ. de A. J. da Silva Teixeira, Porto.
- DUARTE, João Ferreira (1993) "On self-canonization: the author as reader" in *Frame*, jaargang 8, nr.1, pp. 33-44.
- FRANCO, António Cândido (1989) "Um balanço do saudosismo" in *JL — Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 14 de Fev., p. 11.
- _____, (1994) "Teixeira de Pascoaes e Álvaro Cebreiro (ou o Diálogo entre a Galiza e Portugal)" in *Cartas de Pascoaes e Cebreiro (Epistolário Galaico-Português)*, ed. Átrio, Lx., pp. 5-11.
- GODZICH, Wlad (1994) "3. Popular Culture and Spanish Literary History" in *The Culture of Literacy*, Harvard Un. Press, Cambridge, Massachusetts, London, England, pp. 72-95.
- GUIMARÃES, Fernando (1988a) *Poética do Saudosismo*, ed. Presença, Lx.
- JAUSS, Hans Robert (1982) *Towards an Aesthetics of Reception*, int. Paul de Man, trans. T. Bahti, Un. of Minnesota Press, Minneapolis.
- JÚDICE, Nuno (1988) "Campos e contracampo na poesia portuguesa do princípio do século" in *A Phala — edição especial. Um Século de Poesia (1888-1988)*, ed. Assírio e Alvim, Lx., pp. 47-50.
- _____, (1990) "Veios finisseculares na linguagem poética do modernismo" in *Nova Renascença*, n.ºs. 35/38, vol. 9, Ver. de 1989/ Ver. de 1990, pp. 265-9.
- LOPES, Óscar (1988) "Alguns nexos diacrónicos na poesia novecentista portuguesa" in *A Phala — edição especial. Um Século de Poesia (1888-1988)*, ed. Assírio e Alvim, Lx., pp. 208-22.
- LOPES Teresa Rita (1984) "A Raça Bela Adormecida para Pessoa e os Saudosistas" in *Afecto às Letras. Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*, IN-CM, Lx., pp. 623-32.
- _____, (1989) "A crise de pátria e o regresso à raiz de Garrett a Pessoa" *apud* GODINHO, Helder (ed.), *Em Torno da Idade Média*, Un. Nova de Lx. — Fac. de CSH, Lx., pp. 11-36.
- LOURENÇO, Eduardo (1988) "Entre o ser e o silêncio. Cem anos de poesia portuguesa" in *A Phala — edição especial. Um Século de Poesia (1888-1988)*, ed. Assírio e Alvim, Lx., pp. 202-7.
- _____, (1992) *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, P. D. Quix., Lx., 5.ª ed.
- NOBRE, Cristina (2005) *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II, INCM, Lisboa.
- _____, (2007) *Fotobiografia. Afonso Lopes Vieira (1878-1946)*, Imagens & Letras, Leiria.
- _____, (2011) *Afonso Lopes Vieira na correspondência e imprensa da época*, pós-doutoramento em Ciências da Comunicação – História da Imprensa, SFRH / BPD / 27109 / 2006, Outubro de 2008 [policopiado], ed. Imagens & Letras, apoio FCT, IPL, Leiria.
- _____, (2012) *A Literatura para a infância e juventude em Portugal: a obra poética de Afonso Lopes Vieira*, ed. ESECS/IPL, apoio FCT, CGD, Leiria.
- PASCOAES, Teixeira de (1914) *A Era Lusíada (duas conferências)*, ed. da Renascença Portuguesa, Porto, 6 de Junho.

- ____ (1919) *Os Poetas Lusíadas*, "Conferências realizadas no Institut de Estudis Catalans da Cidade de Barcelona, em Junho de 1918", tip. Costa Carregal, Porto.
- ____ (1978) [1915] *Arte de Ser Português*, eds. Roger Delraux, Lx.
- ____, (1978) *Uma Fábula (o advogado e o poeta)*, Brasília ed., Lx., 1978.
- PEREIRA, José Carlos Seabra (1975) *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, Centro de Estudos Românicos, Coimbra.
- ____ (1983) "Tempo neo-romântico (contributo para o estudo das relações entre literatura e sociedade no primeiro quartel do século XX)" in *Análise social*, vol. XIX, nºs. 77-79, 3º, 4º e 5º, pp. 845-73.
- ____ (1989) "Um Século de Poesia em revista" in *Colóquio / Letras*, n.º 112, Nov.-Dez., pp. 83-90.
- ____ (1999a) edição de RAUL BRANDÃO. *Memórias (tomo II)*. Obras Completas. Vol. II, ed. Relógio d'Água, Lx., Março, pp. 9-32.
- ____ (2010) *O Tempo Republicano da Literatura Portuguesa*, parte integrante de *Colóquio/Letras*, n.º 175, Set.-Dez., Lisboa.
- QUADROS, António (1989) *A Ideia de Portugal na Literatura Portuguesa dos Últimos 100 anos*. Seguido do Apêndice. *O Epos e o Mythos na Literatura Brasileira*, Fund. Lusíada, Lx.
- QUENTAL, Antero de (1996) *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares [apud Prosas*, vol. II, Imp. da Un. de Coimbra, 1926], ed. Ulmeiro, Lx., 7.ª ed.
- RAMOS, Feliciano (1958) "I. Um clima de ideias no limiar do século XX" in *Estudos de História Literária do Século XX*, ed. Álv. Pinto ("Ocidente"), Lx., pp. 5-33.
- RIBERA i ROVIRA (1913) *Atlantiques. Antologia de Poetas portugueses*, Lib. L'avenç, Barcelona.
- SÁ, Víctor de (1977) "A Esperança e a Saudade no Nacionalismo da 1.ª República" in *Seara Nova*, n.º 1583, Setembro, pp. 17-21.
- ____ (1992) "Espólios Documentais Particulares" in *Actas do 4.º Congresso Nacional de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas*, Braga, 4-6 de Março de 1992, vol. II - "Informação. Ciência. Cultura. Bibliotecas e Arquivos para o ano 2000", Ass. Port. de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, Braga, pp. 533- 6.
- SARAIVA, A. J. e LOPES, Óscar (1978) *História da Literatura Portuguesa*, Porto ed., Porto, 10.ª ed.
- SARDINHA, António (1915) *O Valor da Raça. Introdução a uma Campanha Nacional*, Almeida, Miranda e Sousa eds., Lx.
- SÉRGIO, António (1916) *Cartas sobre a educação profissional. Educação Profissional na Casa das Crianças e na Escola Primária*, escr. ao direc. da Academia de Estudos Livres, "Bib. da Educação", ed. da "Renascença Portuguesa", Porto.
- SIMÕES Veiga (1911) *A Nova Geração. Estudo sobre as tendências actuaes da literatura portuguesa*, F. França Amado, Coimbra.
- VIÇOSO, Vítor (1984) "António Sérgio: a Pedagogia Crítica e a Literatura" in *Afecto às Letras, Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*, IN-CM, Lx., pp. 664-70.